

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA

SEMANARIO HUMORISTICO

Director Literário de
**ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA**

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO



O REGRESSO DAS ANDORINHAS



Voltam às aulas os académicos... Estão de parabens as patroas das pensões... e as criadas. Que lhes preste!

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L. da

Redacção e Administração, Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na Imprensa Portuguesa, : : : Rua Formosa, 116 : : :

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DE OUTUBRO **JOGO DO SAPO** Resultado da 3.ª Partida

Ora cá temos nós a disposição do Sapo com a numeração respectiva a cada casa.

500	30	
100		
		300
	70	1.000



Lista dos concorrentes classificados na 2.ª partida

Com direito aos segundos prémios:

Zé-Zabumba, Castro Rodrigues, Fernando Af. R. dos Santos, Manuel Doce. dos Santos, Alvaro Moreira, Manuel Leite, Carlos Pereira Ramos, Henrique S. Pinto Aguiar, José Correia da Silva, António Bacilífero, José Duarte Madeira, Maria Raquel Milhano, Manuel Figueiredo, Francisco dos Santos, Gracinda Queiroz, J. Sequeira, António Teixeira da Silva, A. Baía, Fernando Ferreira Maia, Esmael da Silva, Manuel Baixo, Mário Gonçalves Pereira, Manuel M. da Cruz Barros, Alfredo Assunção, Alfredo Neves, Euclides Ramos, Matilde Perfeitinha, Rita Puxa, Frank Barrote Nicolau Leandro da Costa, Eduardo Lima R. Machado, José da Siva Pinto, Ernesto Lacerda, Mariquinhas, Mário Guimarães Peres, Zé Mimoso, Francisco Augusto Peres, Cláudio A. Moreira, Henrique J. Teixeira, José Teixeira, Dário Enrico Guimarães, F. de Oliveira Chaneira, Angelo Menezes, Joaquim M. Soares Oliveira, Fausto Cinzento, Belmiro António de Oliveira, Cristo Vão, Manuel Reis, Samaritana, Alfredo Pereira, Maria Augusta Dolores, António Gomes Ferreira Sobrinho, Medeiros Martelo, Agapito Conan Doyle, Pedro Pinheiro, Rosa da Silva Silvestre, Jaime Pereira da Silva, Joaquim da Fonseca, José Lopes Dias, Mar Morto, João Correia A. Barbosa, Zé Carramé, Sepol, Idalina Amaral, Joaquim Crisostomo, Luís Oliveira Martins, Manuel José de Almeida, António Ferreira da Silva, Rei do Orco, Rei da Pandega, Recareis, Abílio Fernandes Mésquita, Tigre 2.º, António Pires Figueiredo, Maria Alice António Farrusca, Manuel de Oliveira e Silva, Bernardo Ferreira, Sampaio Martins Cacho.

Com direito aos prémios de 10 Escudos (1 livro):

Amélia A. Ester Souto Pinto, José Joaquim Moreira, José L. Pereira, Maurício Cunha, Maria Aúrea Amaral, Manuel Leal, Serafim das Dores, Joaquim Monteiro, Gúchia, José da Silva Lopes, Manuel Ferreira da Silva Torres, Manuel Reis, António Portugal M. Tavares, Adega Regional do Lavrador, Policarpinho, Pinhão Altamira, José de Sousa Marques, F. de Carvalho Jacinto, António Carlos, Miranda, Francisco Matos, Edmundo Ferreira, Manuel Seromenho, Maria Rosa Lopes, Manuel Monteiro, Jeca Torrão.

Os livros a escolher serão:

- Os que não foram à guerra
- Romance de um solteiro
- Dois corações
- Tribunal dos Pequenos Delitos

Vamos, à quarta, meus senhores, que as bocas do sapo e do saco estão abertas.

Ver o plano geral deste concurso nos números anteriores.

E que deixou de ser uma inspiração divina, visto que acertaram em cheio nada menos de cinco concorrentes, que nomeamos em seguida dando parabens aos felizes. São eles: Maria Rosa T. dos Santos, R. António José da Silva, Pôrto; Alfredo Lourenço Pereira Lessa 2.º, R. Costa e Almeida, Pôrto; José de Sousa, R. Santa Catarina, Pôrto; Francisco Costa Amado, Vitória, Famação; António T. Pinto, R. Gil Vicente, Pôrto, pelos quais distribuímos o prémio de 500 escudos em partes iguais; dado o caso que até à próxima quarta-feira não haja qualquer reclamação.

Dos restantes 682 (parece mentira mas é verdade) 106 tem direito aos dois prémios de 100 escudos cada, e 26 ingressam no livrinho. No nosso próximo número daremos nota de todos estes nomes que correspondem à terceira partida.

Também daremos a fórmula do sorteio dos concorrentes aos segundos prémios da segunda partida.

Na nossa administração, ficam à disposição de todos os concorrentes os elementos necessários para a fiscalização deste concurso, que, repetimos, é absolutamente honesto e de grande distração.

Todos os prémios que deixem de ser distribuídos nas 4 primeiras partidas, se-lo-ão pela certa na sua totalidade na 5.ª partida, quer facilitando-a, quer premiando os melhores atradores.

Todos os restantes concorrentes obtiveram uma totalidade de pontos inferior a 1.200, estando portanto desclassificados nesta terceira partida.

ATENÇÃO — Igualmente terão direito ao primeiro os concorrentes que tendo marcado as seis patelas, não consigam acertar em nenhuma das casas numeradas. Como as dificuldades são menores, e as probabilidades aumentam para o dobro, este concurso pode considerar-se como o primeiro concurso dos últimos tempos.

DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS DE 10000 ESC. (2) REFERENTES À PRIMEIRA PARTIDA

Aos concorrentes com direito aos mesmos são distribuídos os seguintes números:		Neca Ribas	1201 a 1300
Teófilo F. Soares	1 a 100	Maria P. Santos	1301 a 1400
José António	101 a 200	J. Sequeira	1401 a 1500
Fernando L. da Silva	201 a 300	Mariquinhas Augusta	1501 a 1600
Rita Silva	301 a 400	Zeca Pilão	1601 a 1700
Manuel António L. Pereira	401 a 500	Manuel da Silva M. Pinto	1701 a 1800
Elvira Rocha	501 a 600	Manel de China	1801 a 1900
Joaquim da Silva	601 a 700	Manel de Baixo	1901 a 2000
Artur J. Marques Guimarães	701 a 800	Zeca Tróxa	2001 a 2100
Dolrano	801 a 900	Antoninho	2101 a 2200
Fernando Af. R. da Silva	901 a 1000	Zulmira Gonçalves	2201 a 2300
Alberto Ferreira	1001 a 1100	Jorge Carneiro Alegria	2301 a 2400
J. Neto	1101 a 1200	Maria Lucília	2401 a 2500

(Continua na última página).



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Parece que a Alemanha pensa, muito seriamente, em restaurar a monarquia. E se ainda o não fêz, foi porque, ao contrário de Portugal, abundam por lá os pretendentes ao trono. Guilherme II, o ex-Kaiser, não se importaria de passear um traço sobre o *ex*, voltando a ser o soberano monarca da Prússia e o não menos soberano imperador do Reich. Seu filho, o antigo *Kronprinz*, aceitaria de bom grado pôr de parte o progenitor — morrer por morrer, morra meu pai, que é mais velho — empunhando já o céptro imperial sem estar à espera de que o velho *Kaiser* passe de esta para melhor. Mas os chefes realistas, temendo complicações internacionais com a ascensão ao trono de qualquer de estes dois, levantam nos escudos o filho do *Kronprinz*, que ao tempo da grande guerra conspurcava ainda inocentemente os cueirinhos, e não tem portanto responsabilidades no estalar de essa catástrofe.

Assim se degladiam, disputando-se a vitória, o pai, o filho e o neto. Uma verdadeira guerra de família, *match* formidável entre três criaturas do mesmo sangue, que os sucessos colocam frente a frente, como se inimigos fôsem.

Parece que se tem efectuado grandes deligências junto de Guilherme II para que êle desista das suas pretensões à coroa, tanto mais que abdicou solenemente em 1918, e palavra de rei não volta atrás. Guilherme II entende, porém, apoiado em Machiavel e Talley-

radd, que a palavra foi dada aos príncipes para encobrir o pensamento, e que, se os tratados são farrapos de papel, não tem muito maior consistência uma assinatura traçada em ocasiões excepcionais. E teima em voltar ao poder, no que, quanto a nós, tem muita razão. Pois de que lhe serviria ter sido operado por Voronoff, se tivesse de ficar para sempre exilado em Doorn, a cultivar tulipas e a fabricar queijo flamengo?

Também Napoleão abdicou; e certo dia, deu um pulo da ilha de Elba, caiu sobre a costa francesa, e largou a correr para Paris, que lhe abriu os braços. F' verdade que, em seguida a êste gesto másculo, governou apenas cem dias. O bastante, contudo, para verificar que quási todos os seus adversários políticos voltavam ao beija-mão, curvados em arco perante o sol que tinham suposto apagado para sempre e súbitamente se reacendia.

Quem sabe se será êste, apenas, o desejo de Guilherme II? Vingarse dos que o guerrearam e que seria fatal apa-

recerem de novo, humildes e submissos, a pejar as antecâmaras do Paço?

A grande mágoa de D. Pedro II do Brasil, exteriorizada num soneto célebre depois da revolução que o tombou, err «ver cuspir na sua mão trémula quem tantas vezes lha beijara outrora». A Guilherme II deve ter acontecido o mesmo. E que melhor vingança do que ver os antigos áulicos limparem cuidadosamente os vestígios do próprio escarro, para de novo lhe encherem a mão de ósculos fervorosos?

Em tôda a parte a humanidade é a mesma. E se Guilherme II tornar a ser imperador, poderá dizer, como o Teodoro do *Mandurim*, que o seu desprezo pela humanidade foi tamanho, que se estendeu a quem a criou.

Marcial JORDÃO.

Esclarecendo...

(Ainda acêrca da «Resposta Pronta».)

*Essa história conhecida
Da Angela e do Tabordinha
Foi por mim p'ra aqui trazida,
Sem ser descoberta minha.*

*Mas não considero coisa
Digna de ser censurada,
Que certa anedota em prosa
Seja em verso transformada.*

*Nisso não há plagiato,
— Nem para tal senti febre... —
Não pensei impingir gato
Que todos julgassem lebre!*

BISNAU.

Maneiras de dizer



— Como é que o senhor consegue ter sempre o mesmo tipo de vinho?
— Vou sempre à mesma fonte.

O Académico!

Leiam a nossa futura secção **Non plus ultra!**

Leia no próximo número, na secção **O Académico:** *Oratione de sapientia, do Prof. Azevedus Maiatus.*

Balancete da semana

A esterilização do macho, está
na berra, meu leitor.
D'aqui a pouco ninguém é papá
e foi-se à viola o Amor.
Uma ligeira operação, — e a brasa
do instinto bestial,
feroz e carniceiro,
apaga-se, afinal...
Fiz esterilizar um gato, em casa,
e o pobrezinho já não tem Janeiro!...
Dar à luz, hoje é ter mais perto o abismo
da Fome que se vê...
Vamos p'lo eunuquismo.
Acessórios supérfluos, para quê?
Gerar um novo ser, ter de aturá-lo
nove meses, embora em quarto escuro!
...Nunca parturejei, posso jurá-lo,
— mas deve ser um bocadinho duro!
Assim, é um descanso.
Marido bravo ou manso
não receia tragédias conjugais
— e acabam-se os *menages à trois*... ou mais!

.....
A esterilização, leitor, consentes?
E' claro! Porque não?

.....
Os "ciné-fagos" andam tão contentes!
Pudera! Vamos ser como eles são!...

*

* *

Há calor outra vez.
Que maçada! Obrigiar o bom burguês
— que na transpiração sempre foi mestre —
a ter vários coturnos,
diurnos e nocturnos,
para evitar o hálito pedestre!...

*

* *

Aulas abertas. Os meninos vão
sentir do Professor a férrea mão
a espremer-lhes a bossa do talento.
No fim do ano sai cada portento!
Mas vão sempre à missinha
e no cinema fogem da priminha,
— uma rica mulher
que os pode reprovar,
porque os ditos não sabem conjugar
o verbo que ela quer...

*

* *

D'aqui a vinte dias, S. Martinho.
Embora caro, o vinho
há-de beber-se à tripa fôrra, creio.
— O' Dona Pipa! O' ama, em cujo seio
inéditas miragens
chupa tanto moicante: Os pobres vêde
e deixai-os sugar sem derrapagens!
...Tudo acaba. Só não acaba a sede!...

A falta da pinga!

Os fervorosos amadores do sumo da uva estão desanimados antevendo a perspectiva dolorosa dum ano de sêde.

Todos os correspondentes da província teem despejado nos diários das cidades as suas trágicas notícias, anunciando uma colheita vinícola escassa e de má qualidade.

O vinho maduro caiu de maduro! E o verde, para justificar o nome, não se deixou amadurecer e foi colhido verde, tão verdinho como aquela metade da nossa querida bandeira.

O Deus do céu pregou uma partida ao Deus Baco e a tóda a sua ex.^{ma} família, a D. Baca e os seus filhinhos bacanos.

Pouco vinho! Ai, rapazes, que fome de sêde nós vamos rapar!

Que confusão de côres!

Se nós fôssemos lógicos e coerentes não nos devíamos admirar do vinho verde estar verde.

Acho que é muito mais natural do que estar tinto ou roxo!

Os senhores já repararam na cara que faz um estrangeiro, quando o criado dum restaurante lhe pergunta: — O cavalheiro quer vinho verde? Tinto ou branco?

Três côres duma assentada!

O homenzinho fica com a impressão de que vai beber a porta duma drogaria!

Branco, tinto, verde!

E' duma pessoa ficar azul!

Casas e vinho

O govêrno para calar os durienses deu-lhes uma casa: a Casa do Douro.

Já não é mau de todo, porque escusam de pagar o aluguer, mas não é tudo.

E' preciso que o govêrno lhes dê também uma mesada, um colar de pérolas e um automóvel Packard.

Para que servirá uma casa a mais ou a menos no Douro?

O que os durienses precisam não é de casas, é de bêbedos que lhe bebam os vinhos, porque é à custa dos que bebem que os do Douro comem.

A casa do Douro!

O' senhores, ainda havemos de ver o Palacete do Algarve, o Chalet do Alentejo, o Armazém da Extremadura e a Garagem das Beiras!

O Académico

REVISTA QUINZENAL

Começa no próximo número

On parlara de tout le monde
académique... et son père.

Duas notícias de arromba

Carecas e Políticos

O nosso querido *Janeiro*, publicava há dias, dois sensacionais telegramas vindos da América do Norte, o original país do cimento armado, do ferro, das *vamps*, do *jazz*, dos secos e dos carapetões.

A América é uma santa terrinha, — onde todos os dias são primeiros de Abril, — que se entretém a enviar aos papalvos da Europa as mais disparatadas, bizarras e destrambelhadas novidades.

As duas que o *Janeiro* inseriu são das boas, das fixas, daquelas que são garantidas por um ano. Vamos à primeira.

O Club dos Carecas Abaixo os Pêlos!

E' com prazer que respigamos do telegrama da *United Press* alguns períodos, com os quais estamos plenamente de acôdo, ou nós não fôssemos correligionários, na calvície, dos despelados carecas americanos.

O Club dos Calvos, é conhecido pelo «Club mais alegre de tôda a América», o que nos não admira, pois os carecas são as pessoas mais divertidas e simpáticas, não desfazendo...

«O nosso Club — dizem êles — foi fundado, com o fim de demonstrar ao mundo que o homem, na sua máxima forma de desenvolvimento, não é um animal pelífero.»

Estamos de acôrdo, não é verdade, amigo Júlio Ribeiro?

Dizem mais os estatutos: — «despertar o sentimento de união e assistência em todos aqueles que arrancaram do envólucro do pensamento, êsses filamentos peludos que só servem para fazer sombra e que não são mais que uma decoração incômoda e grotesca.»

Uma pessoa lê isto e fica tôda consolada!

Venha de lá um abraço, sr. Dr. Bento Carqueja!

E há meninas cinéfilas que se apaixonam pela cabeleira do Ramon Novarro, quando tem aqui à mão de semear a careca do Avelino chapeleiro!

Mas voltemos ao telegrama. Afir-mam os sócios do Club: «que os cabelos não fazem parte dos elementos de felicidade e beleza dos homens — se assim não fôra, os selvagens da ilha Bornéo seriam a inveja de tôda a humanidade.»

Verdades como punhos com botões e tudo!

Esperamos que, após a leitura do sensacional telegrama, os nossos amigos Maneca Reis e Erico Braga, ponham de parte o capachinho e venham enfi-

leirar nas hostes irresistíveis e apolíneas dos carecas luzitanos.

Realmente, não há nada mais imundo que os cabelos. Quem é capaz de comer uma sopa, depois de ter encontrado nela algum cabelo? Ninguém!

E' preferível uma mosca...

Ora vamos lá à segunda notícia.

As próximas eleições na América do Norte

Acompanhando uma fotografia, a duas colunas, na qual se viam um cor-

polento burro e alguns vultos políticos americanos, inseria o *Janeiro* a seguinte legenda:

... «a nossa gravura reproduz M. Franklin Roosevelt candidato à presidência da República, saüdando alegremente o burro democrático, quando da recepção que lhe foi oferecida, etc., etc....»

Esta notícia deixou-nos de bôca aberta!

Se fôsse publicada noutro jornal, — vá lá, com seiscentos diabos! — mas no *Janeiro*?

Qual será o burro democrático a que a notícia se refere?

Quem se está a rebolar de gôzo são os rapazes da «Revolução», que para serem gentis com o *Janeiro*, devem publicar uma gravura, representando um enorme camelo no meio do deserto, acampanhada da seguinte legenda: — O camelo integralista no meio dos seus partidários.

PERFIS DO PORTO

XXII

A FAMÍLIA T.



*Semi-loucos nas florestas,
Os macacos sentem flatos
De verem as suas testas
Retratadas nos Torcatos.*

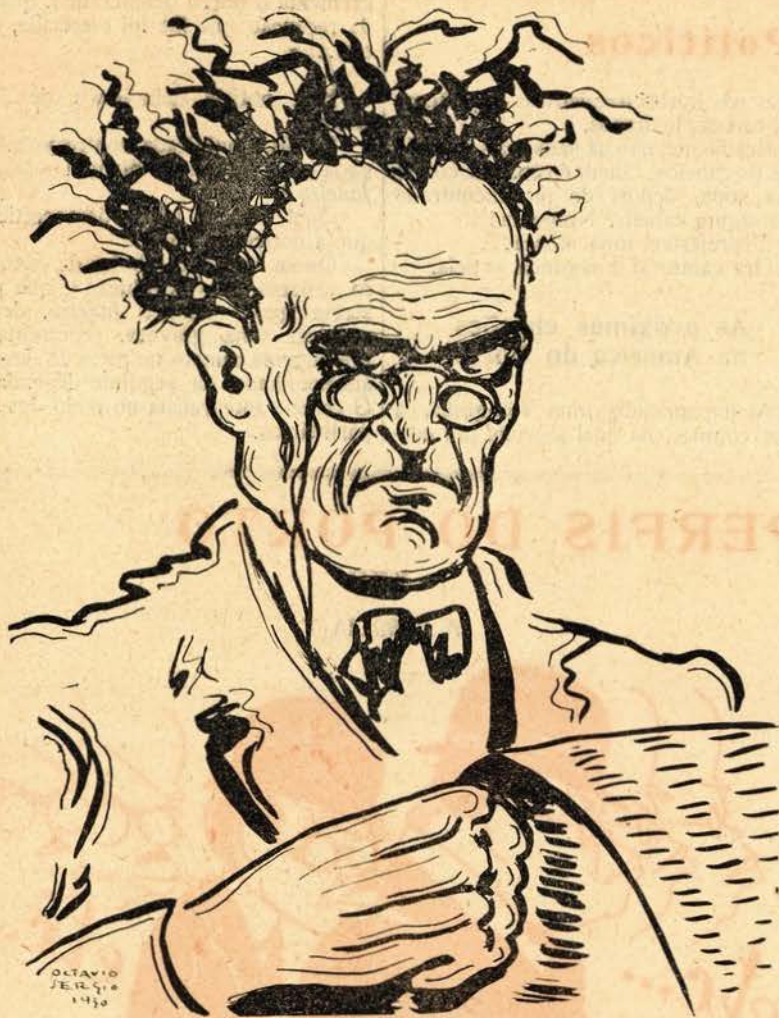
*Dando ao bestunto mil tratos,
Pasmados ficam os mecos
De ouvirem chamar Torcatos
A tais torcatopitecos.*

*Dos monos em conta tenho
O pasmo tão singular.
Se pasmoso é o desenho
Os versos são de pasmear.*

A VIDA E A MORTE

XXVII

A POLÍTICA NA EUROPA



Reina a maior tranqüilidade nos espíritos...

O HUMORISMO ESPANHOL

O congresso de otorrino... etc.

Voltou a realizar-se em Madrid um congresso!

Desta vez trata-se de um congresso tão extraordinário que ninguém sabia para o que fôsse antes de um congressista declarar que era para estudar o nariz, a garganta e os ouvidos.

Claro que desaguarum em Madrid muitos médicos estrangeiros, que se não acharam bom o congresso, pelo menos se fartaram de gozar banquetes, touradas, teatros e exposições.

Vamos, porém, ao congresso.

Sabem os leitores quanto nos interessam as questões científicas.

A segunda sessão foi a mais interessante, pois na primeira gastou-se o tempo em cumprimentos.

— Olá, como está Você? Parece que o acho mais gordo este ano, etc., etc.

O Senhor Doutor Riskiloff, da Universidade de Toloncia, pronunciou um discurso explicando a utilidade dos narizes, que servem para deitar o fumo do tabaco e, além disso, para distinguir o cheiro de uma rosa do de uma posta de peixe podre. Acrescentou que a sábia Natureza colocou as narinas para baixo porque se as tivesse colocado para cima, quando chovesse se encheriam de água. Foi muito ovacionado.

A seguir, o professor Mamoláu de Mistinguette-sur-Seine, comunicou ter descoberto nos arredores de Paris uma doença que o traz muito preocupado.

E' que quasi tôdas as crianças que andam a brincar pelas ruas sofrem de uma enfermidade nasal que consiste na saída constante de duas coisas flácidas e brancas pendentes sobre o lábio superior, na eminência de deslizarem para o inferior, o que no entender do sábio

devem ser fragmentos de massa encefálica. O Doutor Sanchez, mostra aos congressistas uma garganta que lhe mandaram para concertar.

Trata-se da garganta de um célebre cantor e as suas cordas vocais estão perfeitamente afinadas.

O Doutor, que é um grande amador de música e um virtuose de talento, dedilhando as referidas cordas vocais, como se fôsse em violão, deslumbrou a assistência, tocando um tango com muita arte e sentimento.

A Comissão de Gargantas pede ao Doutor lhe ceda tão interessante peça; porém, o genial laringologista, diz não poder aceder ao pedido, visto que o proprietário da referida garganta precisa dela sem falta para o próximo sábado, dia em que faz a sua festa artística.

Por entre aplausos, foi encerrada a sessão e marcada a próxima para amanhã.

(Traduzido do semanário humorístico—Gutiérrez.)

Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia
MARIA
RITA amada:

Escrevo-te hoje
Com neura levada
De mil diabos, pois fuge
A pena, estúpida e lanzuda
Pr'ô bico d'obra que é a situação;
E o resultado, enfim, de tal entalção, —
E' que a poesia vai sair-me assás bicuda
O melhor a fazer, será aferrolhar o bico: —
Se o calado é o melhor, então adeus! — calado fio.

xxxxx Dizem xxxxx
Para aí, à bôca cheia,
Que este Mundo é uma bola
Que, como a sorte, anda e rebola,
De um lado para o outro. Mas que ideia!
Não é assim que julga o Mundo Angola!...
Não, minha boa MARIA RITA: ele é bicudo...
O que dizem é falso, é boato feito, é tudo!...
Quando vimos meter lanças em África, curiosos, —
Aprendem-se a valer ensinamentos bons e proveitosos,
E vemos, só então, que tal Mundo afinal é um canudo!...
Aqui vive-se a vida, MARI RITA, com mais vida,
E papa-se meio grama de quinina na comida,
Droga feia a valer, nem tu calculas, não!
Enquanto tu, bêta e feliz dama burguesa,
Temperas o teu chá, sentada à mesa,
Pondo o açúcar que Angola dá,
A qual, se inda no mapa resta,
E' que o açúcar presta
xxx Para o chá!... xxx

E é ainda o que vale à nossa Angola,
— E' haver por aí com abundância
Quem precise a valer de tal substância,
Pr'a acabar de berrar: — Esfola, esfola!...

Que à mingua de o tomarem na infância,
Quando era franca o mais risonha a escola,
Merecem o chá... velho que os consola
Servido com finura e elegância.

MARIA RITA: Viva a rapaziada!
Ergamos nós um trono à Gargalhada
Nas barbas dos caturns de barbaças!

Angola contribui com esta prenda:
< História dos Dinheiros da Fazenda >
Ou a < Maneira de fatar às massas >.

Migue-LINHO.

Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Começamos hoje por fugir aos jornais periódicos. Vamos, portanto, ler a V. Ex.^{as} uma passagem admirável dum convite que a Associação etc., etc.... (ver abaixo) faz aos srs. Associados.

Associação de Socorros Mutuos Funebre Familiar para Ambos os Sexos em Grijó

e freguesias circumvisinhas (o «Ecos» diria limitrofes)

CONVITE PARA A FESTA DO 40.^o ANIVERSARIO

A Direcção desta Associação, convida o Snr. associado e sua familia, a tomar parte em todos os actos da festa do 40.^o anniversario da fundação desta Instituição, no dia 2 de Outubro proximo, cuja festa consta do seguinte — Programa

A's sete e meia horas daquele dia, sairá da secretaria a Direcção em cortejo com os snr. associados em direcção ao Mosteiro de Grijó para assistir à missa que será celebrada pelos socios falecidos. Em seguida a esta, romagem funebre ao cemiterio em visita aos tumulos dos socios falecidos. Depois dos actos religiosos alguns oradores explicarão o objectivo desta visita.

Terminado este acto, cortejo de regresso para a secretaria.

Das 10 às 12 horas exposição do novo mobiliario da tribuna e salão, cuja inauguração é feita neste dia.

A's 14 horas principia a recepção das diversas colectividades convidadas para assistir a esta festa.

A's 15 horas terá inicio a «Sessão Solene» em que diversos oradores de reconhecido mérito no meio Mutualista demonstrarão a assistência os beneficios que das agremiações resultam para a sociedade.

Todos os actos desta festa serão abrihantados pela excelente Banda dos Bombeiros Voluntarios de Espinho.

Grijó e Secretaria, 25 de Setembro de 1932.

A DIRECÇÃO.

Como acabaram de ler, às 7 e meia horas da manhã, a Direcção vai em direcção ao Mosteiro de Grijó, assistir a uma missa que será celebrada pelos socios falecidos.

Estão V. Ex.^{as} a ver os cadáveres a dizer missa, se calhar por alma deles mesmos. E como não bastasse vê-los ali, vão ao cemitério acompanhá-los.

Depois, como todos os sócio e sua familia, não percebessem nada daquilo alguns oradores explicarão o objectivo desta visita.

Em seguida, cortejo, depois exposição, após recepção e por último sessão, sendo todos os actos abrihantados pela banda dos Voluntários de Espinho.

Nós somos dos que amamos a música; mas ainda gostaríamos de saber como o mestre de banda se arranjou

para escolher as peças apropriadas ao acto.

Na missa está bem: missa em ré; no cemitério também: marcha fúnebre; no cortejo, podia ser: a parada do amor; na recepção, talvez: o Rei chegou; Mas agora na exposição do mobiliario e na Sessão Solene, é que nós não fazemos a menor ideia. A não ser que o salvasse da rascada o Burrié e o Teodoro vais ao sonoro?...
●

Do conspício

“Diário de Notícias”

Cavalheiro

23 anos, fora da familia por questões amorosas, pede a senhora bondosa hospedagem, perto da baixa, pagando em prestações semanais. Carta a este jornal ao n.º 7.

Chama-se a isto ser useiro e vezeiro. Então o cavalheiro foi pôsto fora da familia por questões amorosas, e já pensa em armar novo sarilho? Só se nós não compreendemos bem onde êle quer chegar com o pagamento em prestações semanais...

Se calhar o cavalheiro não come todos os dias...
●

E para que os leitores não julguem que o

“Ecos de Cacia”

se emendou, depois da comemoração que lhe fizeram e nós reproduzimos, vamos lê-lo um bocadinho. São fragmentos de um só artigo que o sr. Chibuto publicou com o título de *Ilusões*.

Melhor dizendo: são fragmentos de Chibu... to

Ilusões!...

Á R. C. B.

Tarde de Julho.
O sol ardente, fulga no céu azul ce-
leste, como uma gota de orvalho no calis
duma mimosa flor.

Isto é bonito: O Sol a fulgar como
uma gota de orvalho... Que lindo!

.....
Nós, somos como as flores que se
erguem naquele canteiro, sobre os raios
brilhantes do Sol.

Erguem-se ali altivos, enquanto mãos
debeis, criminosas, não lhe arrebataam a
vida.

Toda a Natureza numa apoteose de
flores e de canções, se sorri para nós.
— Como tudo isto é triste!...

Não há dúvida que a natureza a
rir-se para nós é muitíssimo triste.

Tu Mary, sabes dizer-me o que é a
Vida?

Não!... Não compreendo a Vida.
A Vida!!! A Vida é tédio. Neste plani-
ferio cheio de illusões não se vive, so-
fre-se.

Mas o que é isto, que eu sinto, sem-
pre a atormentar-me? E' a Vida... Minha
Doce Mary!...

Olhe que não será, Doce Mary:
Uma coisa que o atormenta no planifé-
rio não é a vida! Deve ser uma pulga.
Ou, não sofrerá êle das hemorrói-
das?...

.....
Choras?... Não chores minha Doce
Mary, porque essas lágrimas, essas gotas
de humor as que caem a par dos olhos
teus, causam dor; e a dor atormenta-me
o corpo.

Eu sinto que não há lagrimas, por
mais ardentes que sejam, que não chegam
a examir-se um dia.

Talvez cheguem. Aquelas que são
gotas de humor, e caem a par como as
andorinhas, devem chegar a examir-se
um dia.

.....
Na corrente das simpatias humanas,
o amor tem sempre o sua maravilhosa
transfigação.

Sim o amor, a piedade e a mesericor-
dia vivem através de todos os egoísmos.

Egoismo é pois, o amor proprio,
levando a um ponto tão excessivo e vi-
cioso, que o homem se ama a si mesmo,
não só com injusta preferencia, mas
quasi em total exclusão dos outros ho-
mens.

E' claro que quando o homem vicioso
se ama a si mesmo, tem de sofrer uma
maravilhosa transfigação. O que não
percebemos muito bem é o restante.
Se calhar o sr. Chibuto, queria dizer
com exclusão das outras mulheres.

E termina assim:

E' dever nosso suportar a vida como
uma atroz, porque a inteligencia conju-
gada com o coração, ensinar-nos-há a
eluminar-nos. — Há o verdadeiro cam-
minho.

Aveiro 20-9-932

CHIBUTO.

Arre Chibuto!... Ora isto é que é
exclusivo do *Ecos de Cacia*. Ninguém
o suplanta! E êle com certeza é que
há-de ensinar e eluminar-nos.

OS LIVROS PERFUMADOS

Dize-me a que "cheiras" dir-te-ei o que escreves
Em vez de pena o que é "perfeito" é um nariz permanente



João Maria Ferreira

REFERIMOS-NOS há tempos à moda dos livros perfumados. Como lhe constasse que os livreiros portugueses receberam a ideia com grande entusiasmo e que alguns escritores tencionavam perfumar já os seus próximos livros, MARIA RITA pôs-se a caminho para meter o nariz na sensacional questão e descobrir, primeiro que nenhum outro periódico, qual o perfume que os autores empregarão. Eis os resultados colhidos:

António Correia de Oliveira

— Qual será o perfume dos meus livros? Trevo, rosmaninho, rosas silvestres e um pouco de estes sargaços que em Belinho me agridem constantemente a pituitária.

— Mesmo para o "Job"?

— E' certo que Job, tendo vivido no esterquilínio, coberto de chagas, não podia cheirar muito bem. Mas o meu Job é português, e tem de cheirar e saber a Portugal, como a tapioca do Pote.

Dr. António Cabral

— Misture a pólvora da indignação com o vinagre do azedume, e terá o aroma dos meus livros.

— Mais nenhum perfume?

— Mais nenhum, a-pesar-de eu haver abandonado a vida política e ter-me recolhido à privada.

João Ameal

— O cheiro dos meus livros? Rapé meio grosso com um bocadinho de in-

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre em aumento

censo. E' admirável este perfume, para os velhos de vinte anos.

Júlio Dantas

— Os meus livros não de cheirar a feno, só a feno. Nem pode ser outra a predilecção de um presidente da Academia.

João Grave

— Uma mistura de balsâmicos, desde o benjoim à avenca. Bem vê: a minha bronquite...

Dr. Antero de Figueiredo

— *Flores del Campo* quando estou em Meixomil. *Jabon Salinas* quando estou na Foz. Como vê, uso e usarei só perfumes espanhóis. Depois que estive em Toledo, é isto que vê.

Dr. Brito Camacho

— Os meus livros não de cheirar a ácido sulfúrico. De quando em quando, variarei para um pouco de sublimado...

Nuno de Montemor

— Empregarei sempre a alfazema e a naftalina. Será a única maneira de os meus livros resistirem à prolongada permanência nas livrarias.

Dr. Alfredo Pimenta

— A bolor e a pó dos arquivos. São dois aromas deliciosos. Em obras doutrinárias e políticas, empregarei alternadamente o cheiro a sardinha e o cheiro a raposo.

Freitas da Câmara

— A que devem cheirar os seus livros? — perguntamos.

— A escândalo. E' o perfume que mais atrai o público.

Abreu e Sousa

— *Odor di femina*. Não suporto outro perfume.

Manuel Ribeiro

— Não de cheirar às estêvas da *Planície Heróica*. Foi tempo em que o incenso da *Catedral* e do *Deserto* me seduzia o olfacto. Hoje...

Dr. Joaquim Madureira

— No estado actual da sociedade, só há um aroma que um escritor de pulso deva usar: o da *fermosa estri-varia*. Eu, para escrever, já não preciso de mexer o braço: limito-me a alçar a perna. Para um crítico verdadeiramente digno de este nome, o amoníaco é o rei dos perfumes.

Afonso Lopes Vieira

Fomos encontrar o ilustre Poeta na praia de S. Pedro de Muel. Vestido de *Bartolomeu Marinheiro*, estava sentado entre caranguejos, burriés, pulgas do mar e outros *animais nossos inimigos*. Numa pôçazinha, formara quatro montículos de areia; em cada um deles espetara, aceso, um Português Suave, cuja mansa fumaceira se derramava transformando os montículos em *Ilhas de Bruma*. Povoavam cada ilha um amoroso Pedrinho e uma loura Iseu de louca das Caldas, muito aconchegadinhos, até ao fim do mundo, em tendas de *campanha vicentina*. O Poeta cismava, olhando a sua obra, e aspirando de quando em quando um raminho de *Rosas Bravas*.

A medo, perguntamos:

— Doutor? Como perfumará os seus livros?...

Respondeu-nos logo, como se já esperasse a pergunta:

— Com argirol.

Embatocamos. Sobre não ser aromático, o argirol é um remédio muito usado nas conjuntivites e outros meandros oftalmológicos. Solicitamos discretamente uma explicação. E obtivemo-la.

— Eu agora vivo todo para o Luís... Se não fôra, para tão longo amor, tão curta a Imprensa Nacional, imprimiria uns *Luisiadas* em seu louvor. O Dr. José Maria Rodrigues, após 6 anos de estudo aturado, que



Dr. Joaquim Madureira

raros devotos teem aturado ainda mais, concluiu que a mono-cegueira do Luís se teria evitado se já fôsse conhecido o argirol. Que mágia, ser a Índia descoberta pelo Gama! Ah! Se o houvesse sido pelo Gama Pinto!... Mas enfim... Embebendo de argirol as minhas futuras obras, espero restituir ao Luís um olho retroactivo. Impõe-se essa restituição. E tem já precedentes. O meu caro José de Figueiredo e o meu fértil Luciano Freire teem «restituído» tanta coisa a tanta gente, que não é grande ambição a minha de restituir um olho ao Luís...

E abismou-se de novo no seu cismar...

António Ferro

Não querendo que o nosso inquérito abrangesse apenas poetas, prosadores e dramaturgos, procuramos também o depoimento de um jornalista. E António Joaquim Ferro veio espontaneamente ao nosso encontro. Pensando que a nossa empresa literária visava a organizar um banquete de homenagem, telefonou-nos a oferecer-se gentilmente para fazer de homenageado, função que várias vezes teem conquistado, ao que nos disse, com indomável audácia.

Desfazendo o equívoco, aproveitamos para marcar um encontro. Fomos encontrá-lo graciosamente instalado num hotel da beira-mar, onde deixou que o surpreendessemos a escrever a sua nova obra: — «O Dante, o Shakespeare, e Eu». Disse-nos logo:

— Eu fui o grande precursor europeu desse movimento a que se associam. Há muito publiquei «D'Annunzio e Eu». Foi, em livro, o primeiro frasquinho de per-Fiume...

— A que vai cheirar o que está a escrever?

— A violetas de Parma...

— De Parma? Ah... Por causa do Dante.

— Por causa de mim.

Gosto tanto de comer queijo parmêsão!

— Com que aroma reeditará a História os seus livros?

— Espero que a posteridade, respei-

tando a minha genial descoberta dos contratos verbais, faça com que os meus livros cheirem todos a depilatório; êles contem trechos compilados...

— Como perfumará o que reeditar?

— Não sei. E' possível que ceda às instantes solicitações da Academia Francesa, que não me larga; talvez conceda à *Leviana* o seu peculiar cheiro a sovaquinho; e o meu imortal retrato da Colette terá o suavíssimo aroma de *La retraite sentimentale*... Projectos futuros. De momento, tenho entre mãos a obtenção da Cruz de Ferro; é uma homenagem que a Alemanha me prestou há muito, mas de que ainda não beneficiei; os meus inimigos teem feito as maiores intrigas junto do Hindenburgo. Espero devê-la ao meu fiel Hitler... Estou a preparar-lhe uns elogiosinhos na primeira página...

— E obtê-la há?

— Cheira-me a que sim...

António Botto

Acolheu-nos descerrando um sorriso. Poisou um maravilhoso artefacto de *Waterman* com que traçava colaboração para um grande órgão da imprensa ateniense. E disse-nos, muito gentil:

— Perguntem...

Começamos, intimidados:

— Não queremos cometer alguma indiscreção... Mas diga-nos, António: como perfumará as suas obras?

Pensou, uns instantes, e disse:

— Corresponderei à vossa gentileza. Perfumá-las-ei sem aroma. Para mim a poesia é um enlêvo que vem de trás, muito de trás, e o seu único perfume é o tempo... Eu vos ofereço esta nova *Canção Rústica*: —

Olhai, olhai o belo moço. Seus dentes mordem o tremço, semente virgem de um grande sonho. Ai! Se êle soubesse na romaria que anoitece pôr-se tão triste como eu me ponho! Um dia será velho também, tão velho como hoje é a mãe, mais velho do que hoje é o pai. E há de ter filhos, muitos filhos. Fôsse eu a mãe! Cosia-lhes fundilhos sem proferir um ai. Cheiro o perfume da romaria; não é tristeza nem alegria, seivas, amores, forças, enganoso. E há de ser sempre assim... Um aroma que não tem fim... O perfume de todos os tempos no perfume de todos os anos.



Júlio Dantas

Quirino de Jesus

— A ópio. Nesta época de insónias, quem faz dormir os leitores merece a Cruz de Benemerência.

Joaquim Leitão

— E'-me indiferente o perfume. O público é um animal sem pituitária, que só pelos olhos vive. Eis o motivo por que eu nunca dispo a farda, nem mesmo para me deitar.

João Maria Ferreira

— Nunca usei perfumes. Os perfumes são tão caros, e os tempos vão tão bicudos! Não obstante, já fiz as minhas bodas de prata com a Poesia, minha única amante.

— Vive assim tão só?

— Como aquele choupo isolado que cantei em redondilha maior. Mas nunca está sózinho quem tem por lema: *Deus, Pátria e Rei*.

— O senhor D. Duarte Nuno?

— Quem êles quiserem. Contanto que seja menino e moço...

Dr. Teixeira de Pascoais

— A bacalhau sueco. Sabe que passo as noites, nesta soledade de Gatão, a jogar a sueca? E só leio autores suecos? De há uns tempos para cá, a Suécia interessa-me extraordinariamente. Vê estas luvas? São de *peau de Suède*.

— Oxalá que se não transformem em *peau de chagrin*... — concluímos nós.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta forma, torá graça de graça

BOLA

AO



CENTRO

Quem ficou a zero no domingo

Começou no Domingo passado, pelo sistema de prestações com bónus, o Campeonato do Norte em *foot-ball*.

De facto é um sistema que só traz prejuízos à Associação, aos jogadores e aos clubs; e o lucro, como não podia deixar de ser, vai bater à CFP, vulgo Carris.

Neste comêço jogaram oito clubs (todos) cujos resultados formaram um florido *batatal* para todos os vencidos e empatados.

Relatamos a seguir os desafios que se realizaram com os seus assistentes a-pesar do bellissimo tempo que fazia.

No Ameal

Progresso-Coimbrões

O club de além Rio ganhou por 6-0 ao desprogreddido Progresso, que durante o defezo só se treinou em box, ou em *basquet-ball*, arbitralmente falando.

No Domingo bem o demonstrou. Sentindo fugir-lhes o terreno começaram a «irritar-se» com jogadores e árbitro, chegando um progressista ao cúmulo de pregar três atestadíssimos «dirétos» no árbitro, que lhe iam fazendo engulir o apito. E afinal porquê? Porque o desgraçado tinha razão, e isto raras vezes acontece.

Ora, diga lá senhor jogador: quem lucrou com êsse gesto?

Certamente não foi você, nem tão pouco o seu club?

Mas sim, o seu adversário que mais aumentou o seu domínio.

E quanto a si, a Associação que lhe responda *comme il faut*.

Pôrto-Leixões

Os cozinheiros das tripas em campeão desfalcados do seu capitão e do Acácio, dois dos artilheiros do grupo, conseguiram ganhar por 4-0.

Este resultado foi conseguido após uma resistência tenaz e valorosa do Leixões, que tem fôlego de gato. Os seus homens, são o que se pode chamar, homens de pulmões.

De agradável neste desafio, a lealdade com que foi disputado, coisa que actualmente tem que ser tratada em alto relêvo.

Há a notar a vontade de Sisca, que quer conservar as suas redes absolutamente honradas. Por êste andar, ainda veremos o primeiro que lhas furar, a

pagar 40 contos de indemnização à vítima, ou então terá que se sujeitar a um passeio até Africa.

Tenham cuidado senhores avançados... olhem que de crimes graves, estão os guarda-redes cheios!...

No campo do Salgueiros

Académico-Candal

Ganhou o grupo estudantino por uma bola. E se não ganhou por duas, foi porque o Fonseca deu a *mão à palmatória*. Porque, quando não, o árbitro, que tinha confundido as camisolas, também *lançava* como o do Ameal. De resto tudo-bem, graças a Deus.

Boavista-Salgueiros

Ao contrário da farturinha que houve no Ameal, êste campo do Salgueiros, esteve pouco produtor de *goals* e muito produtor de batatas. Este encontro deu um resultado quási negativo. Zero a Zero.

No final do tempo, dormiam os guardas em cima dos cavalos, e a assistência estava desoladíssima.

Zero a Zero, não é um resultado; é, quando muito, uma operação sem resto.

E é êste resto que fica para a semana.

Também não seria mau lembrar aos srs. Directores dos campos do Ameal, da Boavista e do Leixões, que ainda estamos sem o *Livre Trânsito* que os outros já tiveram a gentileza de ceder.

Lembrem-se, senhores, que a **MA-RIA RITA** é um jornal de *graça*. E no Domingo vá de esportular uns escuditos.

≡ IMPRENSA ≡

“QUADRANTE”

Quadrante é o título dum novo jornal de cultura, resumo da vida internacional nos seus aspectos sociais, que em breve começará a publicar-se, tendo já a redacção instalada na Rua do Almada, 560. Da direcção do *Quadrante* fazem parte alguns nomes bastante conhecidos: o Dr. António Guimarães, professor José Caldas, Armando Monteiro e Jorge Ramos, nosso colega do *Século*.



Comer ou não comer?

A sogra do Marcelino,
D'aquelle que inda menino
Logo torceu o pepino
Pela Rosa, a sua filha,
Desde sempre lhe votou
Um ódio, que perdurou
Sendo solteiro e ficou,
(Vejam esta maravilha!)
Mesmo depois do pateta
Ter-se deixado ir na treta
E pagar, *ali à preta*,
Na Igreja e no Registo,
Um acto seu, praticado
Por amor desenfreado,
Acto até abençoado
Pela doutrina de Cristo.

Assim, quando o rapazola,
Saído há pouco da escola,
No cinema, uma graçola
Disse à filha, p'ra brincar,
Logo a mãe, abespinhada,
De cara tôda enrugada,
Lhe atirou esta cocada:
— *Eu não o posso tragar!*

Mas como o amor é cego,
O Marcelino, indiferente
Aos gostos da mamã d'ela,
Atirou-se, como um prego,
Para o colo alvinitente
E fôfo da sua bela,

Casaram, e desde então,
Houve grande mutação
Na valente embirração
Que a sogra tinha por êle
Quando a filha era solteira.
Pelo menos, na maneira
Como a velha regateira
Da sogra, lhe rói na pele,
Pois agora, onde estiver
A virago da mulher,
Todos a ouvem dizer,
A arrepanhar o cabelo,
De bocarra porca e escura,
Onde o nojo se mistura
Com despeitada amargura:
— *O meu regalo é comê-lo!*

Ai, leitor, se p'ra me leres
Tu esta revista pagas,
Diz-me lá, p'las cinco chagas,
Se percebes as mulheres!

Dr. KNOX.



Festa de confraternização

Embora os leitores pasmem, vai haver nesta cidade uma festa de confraternização.

Não se assustem, porém, os inimigos de tôdas as confraternizações.

Trata-se de uma reunião dos antigos alunos da Escola Académica do Pôrto, já homens feitos, com barba e tudo.

Muito gratos pela gentileza do convite, lá iremos, sobretudo para cumprir a última parte do programa.

A' cautela, vamos tomar 30 grammas de sulfato de sódio para limpar.



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Eu gosto muito de escrever.

Há quem goste de andar de moto, a ensurdecer de baixo para cima; há quem cultive a natação e o orgulho, — a ensurdecer de cima para baixo. Há quem jogue longa e pacientemente jogos de cartas, quem passe horas num campo estéril a dar pontapés numa bola; e até há quem jogue o *golf*, — entretenimento em que o paciente dá uma pancada numa bolinha e apanha uma pilota, logo a seguir, para ver onde ela foi dar. Há de tudo, e para todos os gostos. Só já não há no Atlântico navegadores solitários; — são tantos, que, nem que não queiram, andam acompanhados.

Pois bem. Eu, sou assim mesmo como te digo; — gosto de escrever.

Não imagines que isto é *pose*; não é. *Poses* tem o Hitler, que quando fala faz tremer a Prússia e espalha o terrorismo, com tiros e tudo; esse, tem as chamadas *poses* de Berlim, Pim!, Pim! — mas eu, não. Quando digo que gosto de escrever, — não falo de lucubrações literárias, de sonetos que façam a minha amada perder peso, de contos que me dêem contos, de artigos bem definidos, de romances que ponham os meus amigos a dizer-me, se lhes atiro com uma frase mais bem composta e fãscante: — *essa, é de queiros!*

Nada disso.

Falo do actozinho material, puramente material; — escrever. Agarrar num cilindro oco, de celulósido; puxar-lhe uma alavancazinha de metal amarelo; mergulhar a sua ponta de ouro num frasco de tinta, pôr a alavancazinha a dormir, ouvido uma espécie de beijo muito chupado e húmido; agarrar uma fôlha de papel recém-comprado, ainda com aquela macieira especial que pouco lhe dura depois de sair da prateleira da loja — como o viço de uma flor apanhada. E, assim apetrechado, sôbre um tampo de mesa, numa cadeira cômoda, com um cinzeiro ao lado, — desatar a fazer rabisquinhos, que são letras; pôr pontos e vírgulas como quem põe sinais postíços numa cara bonita; alinhar palavras, como Nero alinharia escravos, cortando aqui, amputando metade ali, substituindo, alterando, sublinhando com uma serena omnipotência de ditador. — Escrever, numa palavra.

Tu não gostas?

E' delicioso! Experimenta... E é o desporto mais económico; um caderno de almasso, que dá para muito gozo, custa-me sete tostões no capelista aqui da esquina, — que explora o povo. Comprando por grosas, há abatimento. Por Lisboa, há muitos como eu, que gostam de escrever por escrever; (é como quem diz a arte pela arte...). Dou-te para exemplo os dirigentes de uma fábrica de moagem onde a policia apreendeu farinha ótima, magnífica; tão boa, que até as larvas, — larvazinhas encantadoras de dez centímetros de comprimento, por enquanto, que só por lapso Afonso Lopes Vieira não incluiu entre os animais nossos amigos — que até essas queridas larvas se instalaram na excelente farinha, com abundância e gáudio, — no holo-cáustico aneio de se panificarem. Pois os diri-

gentes da fábrica, não imaginas; teem-se desunhado a escrever para os jornais, a explicar o funcionamento da indústria e a psicologia especial daquela larva. Escrever, escrever, escrever... Só ainda ninguém escreveu porque é que naquelas fábricas, que teem grandes portões (não vão as larvas crescer e ter de ficar de fora) existem, anexos a esses portões, sinais de alarme. Para dar sinal quando avançarem ladrões, pensas tu. Isso também eu queria! Não é. E' para dar sinal quando aparece... um policia! E isso, essa singularidade copiada da caverna de Ali-Bábá, — é que nenhum director escreve, a explicar... Se eu fôsse director da moagem, — escrevia. Pois se eu escrevo mesmo sem dirigir a moagem nem dirigir o seu pão!

Há só uma coisa que me torna penoso o — escrever. — Isso, confesso. Sabes o que é? E' o *assunto*. Quando tenho assunto, — fico perdido. A caneta é o Nicolau, e o assunto é o Trindade; é mesmo Carmo e a Trindade... Desata tudo numa correria; os linguadros sucedem-se como retalhos de fita de cinema; as palavras acotovelam-se para passarem umas adiante das outras; as letras deitam-se, levantam-se, empinam-se, como cavalos com o freio nos dentes. O assunto aniquila-me, exgota-me antes de eu o exgotar a êle.

Sinto a cabeça a andar à roda como roda de bomba a tirar água. Nada me satisfaz. O assunto mata-me! O que é bom, o que é delicioso, — é não o ter. E' a gente sentir pelo mundo uma indiferença total, lançando-lhe um olhar que o abrange todo sem tropeçar num pormenor (o *assunto* é sempre um pormenor). E' engulir o fumo do cigarro e sentir que êle vai ocupar, beatificamente, o zimbório vazio de onde o cérebro saiu a banhos, e onde as circunvoluções perderam o seu geito de caldeiras, fumegantes de Ideia. E' olhar para o papel como uma galinha olha para uma tábua: — sem vontade de lá pôr coisa nenhuma... E' sentir que o aparo, de bico calado, nunca, como no silêncio, é de ouro... Ah! Que maravilha, que doçura, que volúpia, que encanto, que prazer, escrever por escrever, sem pressa, sem fim, sem princípio, — sem assunto!

Foi o que hoje me aconteceu, MARIA RITA. Hurrah!... Bem hajas, meu amor, pela carta que te escrevo...

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Inocente ou vadio?



— E vocemecê porque esteve prêso?
— Por não fazer nada...

COMO SÃO RECEBIDAS

As nossas companhas

pelos nossos irmãos de África

De um nosso amigo e assinante de Mossâmêdes recebemos a seguinte carta que publicamos, gostosamente, por ter graça e estar a dentro dos nossos princípios anti-analfabéticos.

Sr. Redactor:

Na página 7 do número 15 tem a MARIA RITA este desabafo: «Muitos *Ecos de Cacia* há por esse país fora!...»

Protesto, Sr. Redactor!

Protesto, pelo imperdoável esquecimento a que votaram as colónias, onde existem jornalistas capazes de ofuscar o brilho das ensaboadelas da MARIA RITA.

Sem falar no siazatório, temos por cá muitos outros jornalistas de *Cacia* e até com o «i» a mais!...

Celebre a MARIA RITA os jornalistas que *enobrecem* Portugal mas não deixe na sombra os que lhe *ilustram* as colónias? E... peço justiça!

Zé Côco.

Em seguida este nosso amigo faz a seguinte pergunta:

Qual é a letra que os «*Ecos de Cacia*» teem a mais?

a que todos podem responder sem cheirar.

Espalhou aqui certo alviçareiro, que a MARIA RITA fazia versos sem sentir, tal qual o outro fazia prosa!

E logo surgiram dois *mimosos* vales (por cá são às manadas...) que por nosso intermédio oferecem à MARIA RITA duas *inspiradas* glosas.

E depois aproveitando a frase:

Muitos «*Ecos de Cacia*»
Há por esse país fora.

Mandou-nos as glosas juntas que teem graça e que igualmente publicamos:

Ai que cheiro a maresia
Que sente cá o rapaz
Quando a aragem lhe traz
Muitos «*Ecos de Cacia*»!
Vamos ter epidemia!...
Mas eu fujo, vou-me embora
Pois que se isto não melhora
Leva o diabo o nosso abade
E uma grande mortandade
Há por esse país fora!...

A. N. C.

Há tempos já qu'eu ouvia
No meu rádio sem antenas
A's dúzias e às centenas
Muitos «*Ecos de Cacia*»!
São cultores de poesia
E de prosa mui sonora...
Tipos que andam à nora
Zurrando de tal maneira
Que um vendaval d'asneira
Há por esse país fora!...

P. A. P.

Como vêem são engraçadas. Talvez não fôsse mau os poetas do Continente dizerem alguma coisa sôbre este mote. Valeu?

Fundição Conimbricense

A propósito do nosso JOGO DO SAPO recebemos desta importante casa pertencente ao sr. José Alves Coimbra, Sucessor, a fotografia do caixote apropriado para este jogo, que lá se fabrica esmeradamente.

Tomamos nota e vamos recomendá-lo aos jogadores.



GLOSAS:

Num palácio, tenho um rio
E na jaula tenho um cão;
Tenho sineta ao portão;
— *Tenho em casa um papagato.*
Ao fumeiro, tenho um paio
E na forja um maçarico;
Tenho em Fão um fio rico
E, também, numa gaiola,
Um melro tão maroto
Que, em vez do pé, dá o bico!...

Adriano X. Nel.

Mimosas flores de Maio,
Em que poisam mariposas:
— Feito de arminho e de rosas,
Tenho em casa um papagato.
Se ao som das líras desmaio,
A sonhar ilusões fico:
Então às musas suplico
Cancões de amor, um sorriso,
Qual ave do Paraíso,
Que, em vez do pé, dá o bico.
(Gulpilhares).

Luigi Morelli.

MARIA RITA, és um rio
Que me fazes ir no bote,
Pois, por causa do teu mote
Tenho em casa um papagato
Que entra quando eu saio.
E então o mafarrico
Linda ideia, que rico...
É mesmo bem apanhado,
É tão vil, tão malcriado
Que, em vez do pé, dá o bico.

Toninho da Porca.

Apanhei n'um ninho um gaio
Que juntei com um canário,
Não bastava tal fadário,
Tenho em casa um papagato.
Que só canta e fala em Maio.
Mas falo e ralado fico,
Por saber que o tio Chico,
Comprou ontem no Bolhão,
Uma arara e um falção
Que, em vez do pé, dá o bico.

Voga.

No celeiro tenho um gaio,
No pátio tenho galinheiro,
No bombal tenho pombinhas,
Tenho em casa um papagato.
Miro tudo de soslaio,
Pois com essa tropa embico.
Gosto mais do maçarico
Da minha comadre Aninhas:
Tanto gosta de festinhas,
Que, em vez do pé, dá o bico...

Tito.

Em gaiola cor de gato,
Com um lindo cadeado,
Ao seu pezinho amarrado,
Tenho em casa um papagato.
É muito lindo, e é «catraio»
E nas penas muito rico,
É brejeiro o mafarrico,
E passarinho bisnau...
Ele é um bicho tão mau
Que, em vez do pé, dá o bico...

Delfim de Freitas.

É falador como um «raio»
De quem lhes quero hoje falar
Mas para melhor principiar
Tenho em casa um papagato...
Foi presente de um maiaio
E dá pelo nome «Fânico»
Em ser tão mau, pasmado fico,
Tão pequeno e azongado
Pois não pode estar zangado,
Que em vez do pé, dá o bico.

Amarantino.

Concorrentes votados ao Quadro negro:

Amaral, Elmano Otrebla, Adriano X. Nel.

Concorrentes com dois votos de louvor:

*Luigi Morelli, Sepol, Ardotos, João da Sé, Horrível,
Olegna, Lizé, Saramago.*

Concorrentes com um voto de louvor:

*Octávia Maria, Tito, Zé da Sé, Tónio, Zé Barão,
J. A. Costa, Amarantino.*

No passado mês de Maio
Tive um bonito presente
Mas é muito imprudente
Tenho em casa um papagato
Logo depois que eu saio
Em grande cuidado fico
O que diz o mafarrico?
Todos manda a... qualquer parte
E passarão de tu arte
Que em vez do pé, dá o bico.

Horrível.

Se quereis ter um, mandai-o
Vir do Brasil, do Pará:
Vindo das bandas de lá,
Tenho em casa um papagato
O! siô Vargas de um raio!...
Seu mandão, seu mafarrico,
Na pele, a roer lhe fico;
A's vezes em casa fico
Para o ouvir também,
Mas não sei o que lhe tem
Que, em vez do pé, dá o bico!...

J. A. Costa.

A' noite quando eu saio,
Para dar o meu passeio,
Posso marchar sem receio
Tenho em casa um papagato...
Que entretém o meu catraio,
Com o seu palrar tão rico,
A's vezes em casa fico
Para o ouvir também,
Mas não sei o que lhe tem
Que, em vez do pé, dá o bico...

Monteiro II.

Fico levado d'um raio
Quando ouço um gramofone!
Por sorte toco trombone,
Tenho em casa um papagato!
Nunca deste inferno saio!
Vai-me dando o tremelico,
E só me lembro que estico!
E a agravar o sofrimento
O loirinho é um morrinheiro
Que, em vez do pé, dá o bico...

Músico.

Tem um trinado dum raio
O melro da Clarice
Mas para lhe fazer perlice
Tenho em casa um papagato
E hei-de comprar um gaio
P'ra ver se com ela «embico»
E há certeza que fico
Um pouco mais consolado
O papagaio é danado,
Que, em vez do pé, dá o bico.

Asódias.

Como poucas vezes saio,
Do meu quarto de solteiro,
P'ra não estar sem parceiro,
Tenho em casa um papagato;
Que assobiu o corde gaio,
É veio de Porto Rico.
Pois o grande mafarrico,
Se alguma dama lhe pede,
O pé, já sei que sucede:
Que, em vez do pé, dá o bico.

(Gonçalo).

Zé Barão.

Tenho um vizinho cambaio
Que tem um pombo trocáz;
Eu, p'ra não ficar atrás,
Tenho em casa um papagato.
Ollia p'ra mim de soslaio
O vizinho mafarrico,
Quando me vê pôr o «quico»
É chegar-me ao poisadoiro,
Fazer festinhas no loiro,
Que, em vez do pé, dá o bico...

Zé da Sé.

Este é bem mote de um raio,
Eu já sou um radiófilo.
Sou também um columbófilo,
Tenho em casa um papagato,
Tenho uma péga e um gaio,
Um pardal, um maçarico
E um melro de Porto Rico;
Mas das aves, a mais rara,
É minha sogra, uma arara,
Que, em vez do pé, dá o bico.

Tónio.

Mesmo dentro dum balão,
Me mandou MARIA RITA
A tal oferta exquisite:
Tenho em casa um papagato;
Mas eu quase que desmaio,
Logo no bicho me pico
É assim é que não fico.
Nesta glosa vou mandá-lo,
E' melhor embalsamá-lo
Que, em vez do pé, dá o bico.

Calus.

No meu tempo, de catraio...
Fui sempre um bombo de festa
Pois nasci... com um T na testa!
Tenho em casa um papagato!
Amarelo, verde-gaio
E que satisfeito fico! —
Ao notar que o mafarrico
Como eu, é tal e qual...
Até é o mesmo animal
Que, em vez do pé, dá o bico..

Perjuro.

O' subtil, étéreo raio,
Que aos ditosos fluminas!
Para as horas peregrinas,
Tenho em casa um papagato!
Vem valer-me neste ensaio
Onde o nome glorífico
De hiperbólico jericó,
Expondo à veneração
Um lotro tão maganão
Que, em vez do pé, dá o bico!

Asinus.

Caíu-me que nem um raio,
Mas que raio ele não é!
Nem deixa dormir o Zé...
Tenho em casa um papagato.
Que me dá cada ensaio...
Se o não espanto eu fico
Em demência muito rico.
Irrita-me o animal
Que é duma estupidez tal
Que, em vez do pé, dá o bico.

(Azeiro).

Zé Maria.

A' minha amada, um laçao,
Deu um beijo, o atrevido!...
E disse muito ao ouvido,
Tenho em casa um papagato...
Fazes de péga e eu de gaio,
E vamos gozar os dois,
O pior é que depois...
Isso é um grave delito...
Verás teu homem afrito,
Que, em vez do pé, dá o bico!...

Rei dos Nabos.

Horror!... Silêncio!... Vi um raio!...
Cair além no espaço...
De medo sinto o olhar baço.
Tenho em casa um papagato,
Correi, Correi... O! Salvai-o,
Não vá morrer meu tesouro,
O meu papagato loiro...
É lindo, chama-se Rito,
É tão moço e tão bonito,
Que, em vez do pé, dá o bico!...

Sacripanta.

Francelos... Jardim que em Maio,
Tem perfumes capitosos...
P'ra somar com outros gozos,
Tenho em casa um papagato,
Que é falador como um raio.
O Rodrigo diz delicias,
Quando escreve p'ro «Noticias»;
É o amigo Acacito,
Julga que está quase rico,
Que, em vez do pé, dá o bico!...

D. Juan.

Vem alegre como um gaio
Já não sei como o aturar,
Entra-me em casa a cantar
Tenho em casa um papagato.
Té já bateu no catraio,
Não é gente é mafarrico
Faz diabruras de mico
Na cama para o despir,
Vi-me em riscos de cair
Que, em vez do pé, dá o bico.

Reirobi.

Meu amigo Samagaio:
Como vai o nosso abade?
Venho dar-te a novidade:
Tenho em casa um papagato!
É falador como um raio!
Tudo aprende, o mafarrico!
Entim, estou encantado,
Pois ele é tão engraçado,
Que, em vez do pé, dá o bico...

Tripeiro.

Se escorrego às vezes, caio
Mas em mim não é vulgar,
E às vezes para amenizar,
Tenho em casa um papagato.
Se tropeja e cai um raio,
Ja não como, só delico,
Mas o meu vizinho Quico
Apegu-se à minha sogra,
E ela então animo cobra,
Que, em vez do pé, dá o bico.

Orno.

A D. Justa Sampaio,
Uma senhora de truz
Coitada, dá sempre à luz,
Tenho em casa um papagato.
O homem que anda em ensaio
A ver se pode ser rico,
Mas a sogra um mafarrico
Está sempre a descompo-lo
Qualquer dia fica tólo,
Que, em vez do pé, dá o bico.

Coimbrita.

(Ver a continuação das glosas na página 14).

Quem é?

Quem é que fala de "curtas",
Ao domingo, num jornal?
Quem de "médias" e "compridas"
Trata delas, afinal?

Quem é este cavalheiro
Que entra hoje cá na dança?
Quem nos dá *Ondas de Rádio*?
É português ou da França?

(Gaia).

SEPOL.

Anexim

Novembro entrou.
Digo com mágoa:
"— Tenho ali água.
"Com sede estou.
"Bebê-la vou!"

Salta um vizinho,
sorrindo então:
"— Olha o rifão:
"—
.....! (?)"

ZEQUINHA.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
— Joaquim José Pomar; *Anexim* — «Quem canta
seu mal espanta»; *Advinha* — Firmamento.
Matadores: Reirobi, Sepol, João da Sé,
Satierf ed Nifled, Lizé, Zé Barão, Octávia Maria,
Her-Nani Agé, Kika, Monteiro II, Monteiro.

A Moda

A Moda, hoje, é tolice em tóda a liberdade...
Stá em uso o calão... trata-se o pai por tu...
O modo de vestir, é pôr à mostra o nu,
Para melhor se ver a plástica à vontade!...

Educação morreu, foi para a eternidade!...
Vergonha não se vê, sumiu-a o Gabiru!...
O tratamento... audáz, inteiramente cru!...
O carinho subtil, passa por raridade!...

É isto vem da Rússia, o puro bolchevismo,
Nesta forma tão bruta e louca de cegueira,
Para deixar só ver, então, o despotismo,

Que vem da estrada má, tão suja de poeira,
O povo a emporcalhar, com este tolo egoísmo!...
A Moda... é o Inferno, enfim, a arder desta maneira!

Alfredo Cunha (RAZA).

O Académico

Revista quinzenal

Comçaremos no próximo número
a publicar uma secção subordinada a
este título.

De 15 em 15 dias, nela encontrarão
os senhores académicos o porta-voz das
suas mais nobres aspirações.

Va être la fin du monde!!!

Os desabafos do meu amigo A

O meu amigo A, companheiro inseparável de tódas as horas e de todos os momentos, desabafou ontem comigo, entre um ataque de neura e dois copos de vinho branco.

Ora lá vai o que êle me confidenciou:
— O meu pai era alfaiate, dèstes alfaiates de roupa feita a que dantes se chamava algibebe. Antes disso foi moço da lavoura. Meu avô também pertenceu à nobreza da tesoura e à fidalguia de agulha. Com tais ascendentes não é de admirar que eu saísse um homem de linha e menos mal alinhavado, porque, como sói dizer-se, quem sai aos seus não degenera.

Meu pai era um reacionário ferrenho, um dèstes burgueses do século passado que levavam a vida a trabalhar catorze horas por dia, com honestidade e honradez, para no fim de sessenta anos de fadigas e canseiras deixarem seis contos à Misericórdia e um Montepio para a viúva e para os filhos!

Já vês de que raça era o meu velhote e como se ririam dêle todos os modernos comerciantes, que pretendem num ano conseguir lucros para duas amantes, um automóvel... e uma concordata a três anos com 25 %.

E' claro que, com um pai assim, eu havia forçosamente de lhe herdar aqueles terríveis defeitos e muitas outras péssimas qualidades que êle possuía e as quais me aconselhava a praticar pela vida fora, quando eu crescesse e fôsse homem de barba na cara.

Assim, dizia-me êle: — "Rapaz, nunca gastes mais do que aquilo que podes".

Conselho retrógrado, bafiento e pôsto completamente de parte. O meu pai tinha cada ingenuidade!

Outras vezes dizia: — "Trabalha, trabalha sempre, porque o trabalho dignifica e distrai".

Não está má distracção! Trabalhar, hein? Trabalhar sempre? E a polícia? E o horário do não — trabalho?

Como era um burguês impenitente, aconselhava: — "Meu filho, todos somos

iguais. Estima tanto o rico como o pobre, porque a riqueza não dá superioridade a ninguém".

Doutrina de reacionário!

Sôbre êsse ponto nunca lhe fiz a vontade. Ele que me perdôe. Tratei sempre muito melhor os pobres do que os ricos. Estendo com mais prazer a mão a um engraxador do que a um moageiro. E honra-me mais a amizade do operário que bebe um "copo" comigo, do que o convite dum ricaço para o acompanhar num "whisky".

Quer dizer, ainda sou mais burguês do que o meu pai!

*
* *

Depois duma breve pausa, o meu amigo A, continuou:

— Vou agora fazer-te uma grave confidência. Peço-te encarecidamente que guardes êste segredo só para ti.

Sabes o que meu pai, já perto da morte, me aconselhou? Reza e sê crente!

Calcula tu, meu velho, que vergonha!

Em vez de me aconselhar a roubar carteiras ou a andar de bicicleta, ensinou-me a rezar!

Rezar, hein? Uma coisa que já se não usa, a não ser dentro de casa, às escondidas!

Por quem és, não contes nada disto aos meus bons amigos livre-pensadores, que casaram pela igreja, baptizaram os filhos catòlicamente e trazem-nos a educar em colégios religiosos de irmãs da caridade!

LEIDOAR.

Choramigas

E' êste um pseudónimo que encobre um bom nome nas nossas letras pátrias. Sabedor, cultíssimo, perspicaz e mordacíssimo. MARIA RITA, pobrezinha ainda, vai enriquecer a colecção dos seus colaboradores com *Choramigas*. No próximo número já trará aos seus leitores o suculento cardápio que *Choramigas* apresenta. Bem-vindo!...

III

A uma mulher moderna

Senhora Dona:

Conheço-a apenas pelas costas, mas sei que é uma mulher moderna e uma grande descaradona que anda a arrastar o meu Francisco para o adultério.

A menina julga, talvez, que é uma beleza de hortaliça, mas olhe, eu, a-pesar-de ter nascido no século do «cuspo na bota», ainda valho mais do que você, sua delambida!

O meu homem é mais sério do que V. Senhora pensa, e não é daqueles que se perca com serigaitas da sua laia.

Aqui onde não me vê nunca usei pinturas na fachada, não corto o cabelo, não rapo as sobrancelhas à escovinha, nem ponho verniz nas unhas...

Mas lavo a cara todos os dias, tenho uma trança que me chega aos calcanhares, e corto as unhas dos pés todos os sábados.

Se você estivesse os dias inteiros metida na cozinha, já não tinha tempo para pôr «carvão» nas olheiras, nem «colorau» nos beiços!

Vá esfregar casas, em vez de estar tódas as tardes metida nos cinemas... que até faz mal às meninas... dos olhos!

O que vossemecê precisava era de coser as peiças do meu Francisco e levar-lhe o almôço à mercearia.

Se eu a vejo outra vez a derreter-se para êle, como qualquer banha de porco, não me chame Engrácia se não lhe aplicar uma receita que a minha avó me ensinou para matar lombrigas! Está a perceber?

Receba o aviso da — Engrácia Bravo.

Resposta duma mulher moderna

Senhora Engrácia:

A sua carta tem pilhas de raiva!

A senhora julga que uma rapariga como eu se preocupa com o bacalhau podre do seu homem?

Eu não andei a aprender línguas para perder o meu tempo com o seu «português» ordinário.

Além disso tenho um ourives que me dá tudo, e se nas horas vagas faço o meu «firt» com algum cavalheiro, não creia que, sendo tão fiel, engano as freguesas com o «fiel» da sua balança.

Se gosta do seu Francisco... coma-o com batatas!

A senhora o que precisa é de ser mais fina e não ofender as mulheres de «linha».

De mim ninguém tem nada que dizer, e não sou como muitas que agora teem um e amanhã outro.

Eu só mudo de homem de quinze em quinze dias... e mesmo assim não é com todos.

Vá tomar chá, esmaltize o focinho, perfume-se nos sovacos, vá fazer a barba... e depois venha falar comigo, porque então talvez lhe arranje um emprego!

O que a senhora tem é inveja de não ser uma mulher moderna, e se tem muito cabelo faça uma corda e enforque-se, porque eu não estou disposta a aturar-lhe as más educações!

Olhe, purgue-se, Dona Engrácia, purgue-se! Com todo o respeito e consideração — Alice Pina.

José ROSADO.

A propósito do teu beijo MARIA RITA

Gosto de beijos na face,
Ou n'outra parte qualquer...
Mas se um dia os desejasse
Escolhia outra mulher!...

SEPOL.

(Continuado da página 12)

As sogras só com um raio
Poderiam acabar;
Pois bem melhor de aturar,
Tenho em casa um papagaio!
A's vezes, quando não saio
E p'ra êle a rir me fico,
Diz me logo o mafarrico:
«A tua sogra, essa fera,
É'inda a mesma pantera
Que, em vez do pé, dá o bico?...»

(Gaia).

SEPOL.

De Cacia um Zé do Raio
Veio comigo alfercar!
Para me desafrontar
Tenho em casa um papagaio,
Que, ao vê-lo, deu-lhe um «ensaio»
D'assobio!... E tonto fico
Vendo apòs o mafarrico
Saltar sobre ela à bicada!
É' uma ave abençoada,
Que, em vez do pé, dá o bico.

(Penafiel).

Saramago.

Mote para o próximo número:

Bom cavador não deserta.
Persiste: põe-se a cavar.

O humor inglês

O nosso ilustre e querido Amigo, Sr. Dr. Jacinto de Magalhães, enviou a um amigo para Londres, o número do nosso jornal em cuja primeira página o nosso caricaturista comentava o jejum de Gandhi.

Em resposta, o amigo inglês, surpreendido pelo facto de em Portugal se comentar jocosamente o jejum de Gandhi, escreve esta frase que vale uma boa legenda: «é pelo menos satisfatório pensar que a despesa feita com uma nova dentadura pouco antes de começar o jejum não esteja perdida!».

Havemos de confessar que fica nessa frase uma boa prova do *humour* britânico.

Ao Sr. Dr. Jacinto de Magalhães os nossos melhores agradecimentos pela sua comunicação, que em boa verdade nos desvaneceu por manifestar o interesse de uma pessoa de alta cultura.

Sonho quimérico

O desejo mais ardente
Que eu tive desde que vivo,
Foi terrível e maldigo
Esse desejo ingente.

Quisera ver afagar,
Esse colo tão catita,
Que era de forma bonita
E difícil de alcançar.

Teu namorado eu era
Embora digas que não.
E um dia de primavera,

Cheinho de tentação,
Atrevi-me... oh! que quimera!...
Fiquei com êle na mão!

(Aveiro).

Zé MARIA.

A. Rocha — A MARIA RITA tem por costume explicar-se em tudo: no dinheiro e nas palavras. Leia o amigo a 2.ª página do nosso número anterior e lá verá que nada queremos do que não é nosso. O que não podemos é dá-lo à toa.

Aos autores dos Quem é? — Não desprezamos nenhuns quando bem feitos. Temos muitos. Sairão a seu tempo. Tenham paciência. Obrigado.

Rei Louro — Como vê, acedemos. Mas não repita isto porque senão teremos de criar uma nova secção. A MARIA RITA gosta sempre de corresponder aos seus amigos.

Chioco Morrumbene — Admiramos a nossa paciência. Já vemos que não gosta de crianças. Só as grandes lhe servem. A sua anotação é justa; mas o caso do cadáver fazer parte da expedição não é nada comparado com os mortos a dizer missa que focamos na página Descanso Semanal. Obrigado.

Inácto de Lahola — Falaram por nós os números que saíram. Como viu foram todos premiados. Ainda será preciso dar mais à taramela?

Delfim de Freitas — O seu amor libertino, é muito sério. Cá em casa chora-se aos sábados mas é para pagar as contas. Toque a nota caricatural ou jocosa. Essa serve.

Zé Maria — Umas emendasitas, uns gatinhos dos de pôr nos pratos e êle at está. Trabalhar é honra. Trabalhe sempre.

Jovem e assíduo Leitor — Então *vocelência* não sabe que é proibido fabricar moedas, de qualquer preço que sejam. E que nos conste, moedas de 3 vinténs nunca houve. Houve patacos; mas das tais só trocadas em miúdos. E essas fundições são sempre clandestinas; e se se descobre, o gajo vai parar à cadeia por difamador. Venha a nós.

Artindo Costa — A Administração comeu os dos mal reis e mandou os números. E já que estamos com a mão na massa, diga-nos uma coisa: Já que assim escreve, porque não faz da uma correspondência especial? De mais a mais S. Pedro do Sul fica na região do Vouga, e o defensor desta região é o *Écos de Cacia*. Podemos contar?...

Manuel Barreto — O seu esboço foi incluído. Infelizmente não acertou em cheio. Pode mandar sempre assim. Obrigado pelas boas palavras. Mande, se puder, uma correspondênciazinha dessa linda terra. Focando aspectos humorísticos, é claro. Só fez 830 pontos. O que mandou do Janeiro, dis-nos respeito, e êste jornal tem sido sempre gentil para connosco.

Perjuro — Pode V. estar certo, — e nós o perjuramos sinceramente — de que as suas coisas são apreciadas como devem. A pouco e pouco daremos nota de tudo.

Rei dos Nabos — Sacripanta — D. Juan — Obrigado pelas duas quadras. Quadraram-nas às mil maravilhas. Nós admitimos que vocês três amem em conjunto. É' lógico; mas o que não podemos admitir é que dessa mesma forma, leiam a MARIA RITA. É' necessário ler cada um a sua.

Um leitor assíduo — Obrigado pelo recorte. É' óptimo e será comentado.

Um grupo de amigos da MARIA RITA — Se todos fizessem como vós, talvez que em Portugal se não perdessem tantas preciosidades. Obrigado.

João da Sé — Para responder à vossa carta, reímiu o júri durante três noites a fio. Veio o Cândido de Figueiredo, o Ricardo Jorge, e um redactor do *Écos de Cacia*. A conclusão a que chegaram, foi que o amigo tinha razão, se bem que o redactor do *Écos* teimava no contrário. Depois levando em conta, que ler mais de cem coisas sobre o mesmo assunto, leva um homem direito ao Conde de Ferreira, resolveram que tinha sido um descuido a causa do fracasso, e por isso se penitenciam junto à Sé. Prometem emendar-se. Tenha paciência e desculpe. O resto parecia mal.

Bisnau — Não se crimine. A MARIA RITA é de todos. E uma polemicazinha calhava a matar. Menospreço? Nunca! Propósito? Nenhum. Simplesmente uma desabafadela ao *Conhecido Ignoto*.

Zaideca, Arrebite, Dolrano e Amaranção. — As suas glosas foram desclassificadas por vários motivos. Perdoem e trabalhem.

PEÇAS E

DEZEMBRO
1972



DOIS COM TRAÇO

Peça do género "eléctrico", passada dentro dum cujo, em "3 zonas e 2 paragens obrigadas"

PERSONAGENS {
A senhora nova
A senhora de meia-idade
A senhora de idade impalpável
A senhora de idade desconhecida
O condutor Landru

E todos os restantes passageiros que forem sendo necessários ao andamento do eléctrico

1.ª ZONA

Praça da Liberdade

O CONDUTOR LANDRU (*na plataforma de trás*)—Bamos. Toca a assubir p'ra cima que isto não é d'andar parado.

UMA SENHORA DE IDADE IMPALPÁVEL (*subindo*)—Credo! sr. condutor. Ainda agora chegou...

O CONDUTOR LANDRU—E beio muito a tempo. E a senhora não é chéfa do mobimento...

A SENHORA DE MEIA-IDADE, *idem*— Isso não são maneiras de falar...

O LANDRU—Também isso num são maneiras de subir... Parece uma galinha a pôr... os dois pés no mesmo poleiro.

A SENHORA DE IDADE DESCONHECIDA, *idem*—Ora essa... Nós somos senhoras que o sabemos ser...

O LANDRU (*abanando a cabeçorra*)—Pois sim, sim. (*Puxando a campainha e berrando alto ao guarda-freio*). Toca pra'lá às vacas...

1.ª PARAGEM OBRIGADA

No Carmo

A SENHORA NOVA (*entra; olha para um lado e para o outro e como não vê lugar dirige-se ao condutor*)—Faz-me o favor de me dizer se tenho assento?

LANDRU (*olhando-a de soslaio*)—A senhora tem assento, com certeza. Agora o que não tem é sítio para o pôr...

A SENHORA NOVA (*cora, resmungando e manda parar o carro*).

O LANDRU (*enquanto ela sai*)—Se calhar queria sentar-se no manípulo do guarda-freio.

2.ª ZONA

Entre o Hospital e a Morgue

A SENHORA DE IDADE DESCONHECIDA (*levanta-se*)—O' sr. condutor. Afinal o carro vai por cima, e eu queria ir por baixo...

O LANDRU—Isso também eu queria... Mas então a senhora não lhe olhou pr'ró traço. (*Toca a campainha*). (*Para o guarda-freio*)—Pára lá isso que esta fica no Carregal.

A SENHORA DE IDADE DESCONHECIDA (*saindo*)—Arre, que é bruto!

2.ª PARAGEM OBRIGADA

Na Boavista

A SENHORA DE MEIA-IDADE (*levantando-se*)—Faz-me o favor manda parar, sr. condutor!

LANDRU (*tocando à campainha*)—Aí!... Ou!... Que esta é das Rotundas...

A SENHORA DE MEIA IDADE—Faz-me o favor informa-me se este combóio vai para Guimarães?!...

O LANDRU—Vai sim senhora. Mas é melhor lá não ir por causa dos garfos.

A SENHORA DE MEIA IDADE (*saindo*)—Este homem é bruto...

O LANDRU—Não te esqueças de perguntar pelo chefe da estação.

3.ª ZONA

No Castelo do Queijo

O carro para no fundo da Avenida da Boavista.

LANDRU (*berrando*)—Quem tem bilhete pr'ró Queijo!

A SENHORA DE IDADE IMPALPÁVEL— Já é aqui o Castelo do Queijo?

LANDRU—Há tantos anos que até já está podre...

A SENHORA, ETC.—Ah! Mas d'antes não era assim...

LANDRU—Pois não! E' que d'antes era um queijo da serra, e agora é do mar. (*Ao guarda-freio*). Vamos embora que o o que ela quere é conversa.

A SENHORA, ETC.—Mas o senhor é obrigado a informar os passageiros.

LANDRU—Pois sim... mas já fechou a agência. Ai a minha vida!... Que ela não paga nada.

A SENHORA ETC.—O senhor o que é, é muito mal criado.

LANDRU—Isso é treta! Ora olhe pra mim, veja este corpo e depois diga-me se sou mal-criado. (*Toca a campainha e o carro parte*).

J. de A.



CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: Estreia da companhia Armando de Vasconcelos com a opereta *A violeta de Montmartre*.

Rivoli: Cinema sonoro, com o filme *Estudante mendigo*.

Águia d'Ouro: A super-farsa *O Rei da Pândega*.

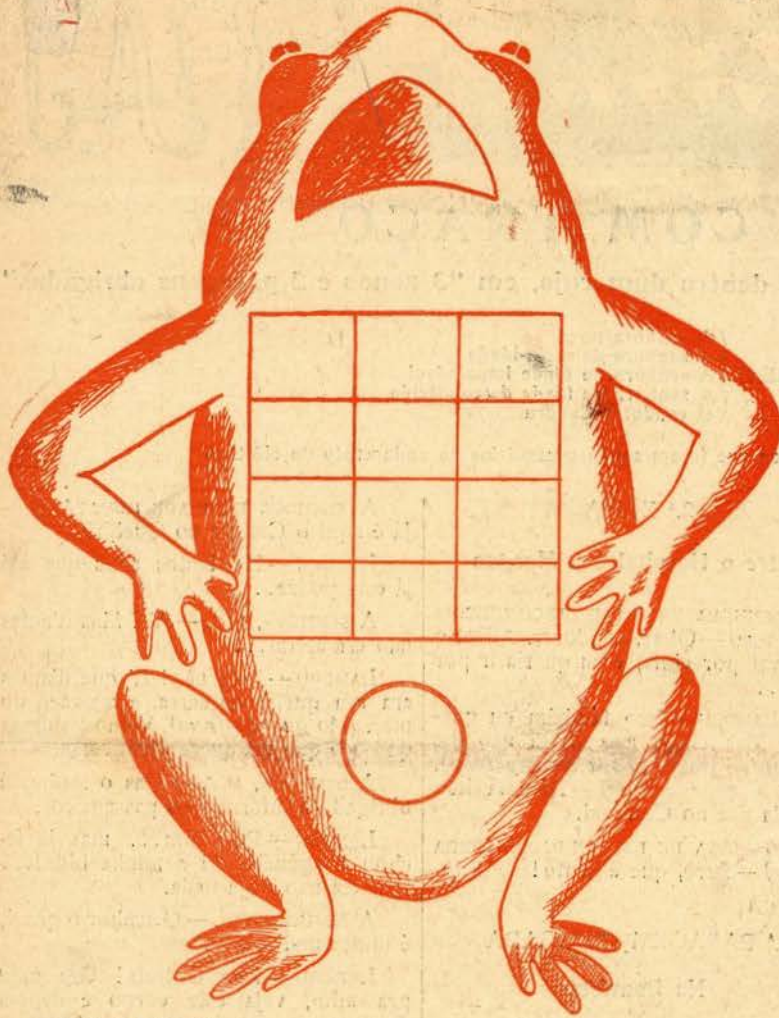
Olimpia: O engraçado filme *Era uma vez um Rei...*

Trindade: A super-produção *Titans do Céu*.

Batalha: O filme *Ricardito e os Mexicanos*.

Grande concurso de Outubro

JOGO DO SAPO (4.^a PARTIDA)



Cortar por aqui.

GRANDE CONCURSO DE OUTUBRO JOGO DO SAPO

Senha N.º

Nome do concorrente

Morada

Número de pontos que lhe são atribuídos (1)

(1) Esta linha será preenchida pela nossa Administração.

Distribuição dos prémios de 100.000 esc. (2) referentes à 1.^a partida

(Continuado da 2.^a página)

J. Ribeiro	2501 a 2600	Camilo Maura	5201 a 5300	F. Leal Jor	8101 a 8200
Joaquim Jorge Lima	2601 a 2700	Frederico Monteiro Lopes	5301 a 5400	Joaquim Ferreira	8201 a 8300
Adolfo Castro	2701 a 2800	Gracinda Queiroz	5401 a 5500	J. Gamalhães	8301 a 8400
José Jacinto Carvalho	2801 a 2900	José Correia Vidinha	5501 a 5600	José Almeida Loureiro	8401 a 8500
Carlos Augusto Machado Braga	2901 a 3000	Mimosa Jesus Leal	5601 a 5700	António Alvaro	8501 a 8600
Dúlio de Oliveira	3001 a 3100	José Duarte Madeira	5701 a 5800	Manuel Portas Bertolo	8601 a 8700
Arlindo Araújo Regalo	3101 a 3200	António F. Soares Júnior	5801 a 5900	Maria Rosa P. dos Santos	8701 a 8800
Mariete F. Cerveira Costa	3201 a 3300	José de Sousa Marques	5901 a 6000	Joaquim Baptista	8801 a 8900
Branca da Graça Barbosa	3301 a 3400	Marcelino C. Antunes	6001 a 6100	Sepol	8901 a 9000
Adalberto de Oliveira	3401 a 3500	Luís Roseiro	6101 a 6200	Eduardo Pinto	9001 a 9100
Maria Alice	3501 a 3600	Clemente F. Meneses	6201 a 6300	Alexandrino Machado	9101 a 9200
Maria Helena	3601 a 3700	Raquel Milhano	6302 a 6400	Joaquim de Portugal	9201 a 9300
Maria Lucinda	3701 a 3800	Rui Manuel M. Teixeira	6401 a 6500	Roldão Pereira Correia	9301 a 9400
Maria Luísa	3801 a 3900	Aníbal Leite	6501 a 6600	Etrand Romas	9401 a 9500
Maria Regina	3901 a 4000	Maria Carolina L. Pereira	6601 a 6700	Alfredo Rezende Pereira	9501 a 9600
Manuel Monteiro	4001 a 4100	Maria Judite Silva	6701 a 6800	António Erepeda	9601 a 9700
Mário Luis	4101 a 4200	Maria Deolinda Araújo Abreu	6901 a 6900	Amadu Duarte Ribeiro	9701 a 9800
O Cavaleiro	4201 a 4300	A. Sarmento	6901 a 7000	João da Silva Pinto	9801 a 9900
Arnaldo Lopes	4301 a 4400	Luciano Rocha	7001 a 7100	Gertrudinhas	9901 a 10000
Manuel Jacinto	4401 a 4500	Alfredo Amarante Monteiro	7101 a 7200		
João Rodrigues Beleza	4501 a 4600	António Alves 3. ^o	7201 a 7300		
Eduardo da Silva	4601 a 4700	António Alves 4. ^o	7301 a 7400		
Rozendo F. O. Ruivo	4701 a 4800	Lucília Ribeiro	7401 a 7500		
Capitolina Coelho Lomba	4801 a 4900	António Gomes F. Sobrinho	7501 a 7600		
António J. da Fonseca	4901 a 5000	Luís Oliveira Martins	7601 a 7700		
Augusto António Flores	5001 a 5100	Manuel José de Almeida	7701 a 7800		
Laura Morais Sarmiento	5101 a 5200	Sérgio Guimarães dos Santos	7801 a 7900		
		A Baía	7901 a 8000		
		Delfim Freitas	8001 a 8100		

E aqueles que corresponderem aos dois primeiros prémios da loteria de hoje (22) poderão vir levantar *cem escudos cada* na Segunda-feira à nossa administração.

N. B. — Dado o caso que os dois primeiros prémios da loteria caírem na mesma centena, terá validade o número correspondente ao terceiro prémio.

Visado pela Comissão de Censura

SUPLEMENTO DA MARIA RITA

AOS COTINS "CAMPO DO CIRNE"

Glosas recebidas para o concurso aberto na MARIA RITA com os motes abaixo, fornecidos pela firma CARLOS JOAQUIM TAVARES, Sucessores, proprietários da grande FÁBRICA DO CAMPO DO CIRNE. Os prémios para este concurso são oferta dos mesmos senhores, e constam de: Um corte de gabardine de algodão impermeável; Meia peça de kaki, idem, idem; Uma peça do célebre cotim "Campo do Cirne" e Um corte de alpaca.

O cotim que mais resiste
No «Campo do Cirne» é feito

Eu não sei se tu já viste.
Um tecido assim igual
A este... um puro ideal!...
O cotim que mais resiste!...
Além d'isto tem o chiste
Da perfeição... sem defeito!...
E' este pois, com efeito,
Dos cotins, sempre o primeiro,
Que vestindo o Mundo inteiro,
No «Campo do Cirne» é feito!...

Alfredo Cunha (Raza).

Ando há um tempo tão triste...
Só por causa das cuecas
Vou usar como o Manecas
O cotim que mais resiste
... Qu'è d'aquelle que me pediste —
Eu fuço cada trejeito...
Junto as costas mesmo ao peito
Por popline inda usar
Irra... Cotim para durar:
No «Campo do Cirne» é feito...

Azevedo Pires.

Trabalhe muito, persiste,
— Cá o nosso... maganão! —
P'ra nos dar o que é bom,
O cotim que mais resiste.
E como éle não resiste,
Na bola ver o efeito,
Do seu pano tão perfeito,
Quer-nos enfiar na tola...
Que a melhor capa da bola,
No «Campo do Cirne» é feito.

Chichibéu.

Apenas nisto consiste
E assim mesmo se compreende
Eu sei bem onde se vende
O cotim que mais resiste
E uma fábrica existe
Com maquinismo perfeito
Eu tomo isto a peito
E digo com aparato
O cotim bom e barato
No «Campo do Cirne» é feito.

(Pôrto).

Monteiro I.

Meu amor, quando partiste
Para a vida militar
E, eu, te quis ofertar
O cotim que mais resiste,
Disseste-me com certo chiste:
Amorzinho! Rendo-te preito!...
(Porque me fiz grande geito)
Oferece-me um fato, sim!!
Mas olha que o melhor cotim
No «Campo do Cirne» é feito.

Henrique Cardoso.

Trabalha sempre, persiste,
Cá o nosso... maganão!
P'ra nos dar o que é bom
O cotim que mais resiste,
D'uma coisa não desiste,
Na bola mostrar o efeito
Do seu pano, mul perfeito,
P'ra toda a gente exclamar:
O pano que vai marcar...
No «Campo do Cirne» é feito!

Chichibéu.

Melhor p'ra aí não existe
Embora rival lhe façam,
Arreiam bota e maçam
O cotim que mais resiste.
E quem muito assim persiste
E toma isto a peito,
Põe seu dinheiro a geito...
Mas não muito, é exacto!
Pois cotim bom e barato
No «Campo do Cirne» é feito.

(Azeiro).

Zé Maria.

Jamais, ó Mendes, mentiste
Ao ar bondoso que tens!
E se le dá bons vinténs,
O cotim que mais resiste,
Novamente a alma abriste
Mostrando quanto és perfeito!
Se não tomas outro geito,
Um tronco dos mais brilhantes
Ao melhor dos fabricantes
No «Campo do Cirne» é feito!

Asinus.

Esta verdade lhe assiste
De todo o mundo em redor,
E' de todos o melhor
O cotim que mais resiste,
Pois o seu valor consiste,
Em ser sempre o mais perfeito;
E' o que tem mais conceito
No mercado mundial:
— O melhor de Portugal
No «Campo do Cirne» é feito.

Deifim de Freitas.

Como sempre te vestiste,
Para o Pôrto todo olhar-te,
Quero que vistas com arte
O cotim que mais resiste;
E pano que nunca viste
Do tecido mais perfeito,
Verás que infundes respeito
Entre a mais austera gente:
Tão belo cotim somente
No «Campo do Cirne» é feito.

Pirilau.

Com o direito que assiste,
A todo o bom cidadão,
Cá na minha opinião,
O cotim que mais resiste,
O mais barato que existe,
De fabrico mais perfeito,
E que faz um lindo efeito,
No corpo de um Fabiano:
— Nota leitor: Esse pano,
No «Campo do Cirne» é feito.

(Gongalo).

Zé Barão.

Rasgou-se o fato... Estás triste...
Forte e valente morraça...
Não calas noutra cholaca,
O cotim que mais resiste,
E' aquele que éle viste,
Num fato todo a preceito,
Firma-te neste conceito,
E não vás n'outro batel,
O bom cotim e fiel,
No «Campo do Cirne» é feito.

Rei dos Nabos.

Não sei para que persiste,
Vestir assim, andar torto,
Fique sabendo é do Pôrto,
O cotim que mais resiste
Não vá, porém, ficar triste,
Com esta ideia d'efeito,
Não suponha que rejeito,
Qualquer outra opinião,
Mas só bom! Com perfeição
No «Campo do Cirne» é feito.

Rei Louro.

Rasgou-se? não estejas triste,
P'ra que te dure a farpela
Deves comprar para ela
O cotim que mais resiste,
Onde é feito nunca viste,
Mas isso é questão de geito
Tu vais ter com um sugestio
Chamado Sebastião
E éle te dirá então:
No «Campo do Cirne» é feito.

Larga.

Boa poupança, consiste
Em preferir para os fatos,
Para que fiquem baratos,
O cotim que mais resiste.
Quem nesta prática insiste
Forrando dinheiro a eito,
Vai caminhando com geito
No caminho do futuro,
Pois o templo d'epicuro
No «Campo do Cirne» é feito.

Tripeiro.

No cine brilha o Maciste
E na bola o Waldemar;
Igual glória vai gozar
O cotim que mais resiste!
Mil penas estão em riste
Fazendo glosas d'efeito
A render o justo preito
Ao tal famoso cotim
Que, com cheiro de... jasmim
No «Campo do Cirne» é feito!

Músico.

Se a Musa me não assiste
Neste mote tão... poético,
Aqui me deixa patético
O cotim que mais resiste!
Não me deixes ficar triste,
Neste rijo e belo pleito
Em que ponho o meu respeito
Aos pés de... S. Sebastião!
Pois o premio da função!
No «Campo do Cirne» é feito

Zé da Sé.

E' forte... como Maciste
P'ra durar... não há igual
E o melhor... não tem rival
O cotim que mais resiste
Se não o leitor reviste
Se éle tem algum defeito
Mas não há nada de geito
Que se lhe possa comparar
Pois o que se deve comprar
No «Campo do Cirne» é feito.

Amarantino.

O cotim que ontem viste
Não presta, é muito reles
Vou dizer-te qual é deles
O cotim que mais resiste.
E assim, tu conseguiste
O artigo mais perfeito
E' dos cotins o eleito
Por isso, vê se me entendes,
Compra no Ferreira Mendes,
No «Campo do Cirne» é feito.

Horrirel.

Inda bem que não caiste
Em qualquer mono comprar
Sem antes experimentar
O cotim que mais resiste.
Sebastião é perfeito
Só vende coisa com geito
E' bom pano, tem largura
E' fazenda de dura.
No «Campo do Cirne» é feito.

Ursus.

Habilidade consiste
P'ra crise atenuar,
Em toda gente comprar
O cotim que mais resiste.
E verá!... Logo desiste
De comprar coisa sem geito...
Pois terá maior proveito,
Comprando o melhor cotim.
Esse é bom, dura sem fim
No «Campo do Cirne» é feito.

E. M.

S. Pedro estava triste
A's portas do Céu sentado
Pra ver ond' é fabricado
O cotim que mais resiste
E o kaki melhor qu' existe.
Então levantando o peito,
S. José, diz, satisfeito,
Pegando na sua serra:
— 'E fabricado na terra
No «Campo do Cirne» é feito!» —

E. Malmeida.

A economia consiste
Em saber apreciar,
Antes do artigo comprar,
O cotim que mais resiste.
Não sei, leitor, se já viste
Esse tecido perfeito,
Que dá o mais lindo efeito,
De elegância e de conforto;
E para honra do Pórtio
No «Campo do Cirne» é feito.

Rotsen.

Toda a gente agora insiste
P'lo rádio e telefonema
Em resolver um problema:
O cotim que mais resiste.
Pois a mim também me assiste
A razão de optar:
Sem ninguém menosprezar
Grito — usando de um direito:
O bom cotim a comprar
No «Campo do Cirne» é feito.

Zaidjca.

Se cá estivesse o Maciste
Atleta dos mais valentes,
Não rasgaria c'os dentes
O cotim que mais resiste.
Se é verdade que ele existe
Esse valente sujeito,
Um murro lhe dava a geito
Dizendo, rasga maduro
Este cotim que é bem duro,
No «Campo do Cirne» é feito.

C.

De-certo não fica triste
Quem esta nova souber
E dirá quando quiser,
O cotim que mais resiste
Esse sim agora existe.
Vestido todo o sujeito
Todo liró e a geito,
Piscando às damas o dente
E a dizer todo contente
No «Campo do Cirne» é feito!

Choradinho.

Eu conheço quanto existe
Na industria do tecido,
E por isso hei decidido:
O cotim que mais resiste
Nos dá graça, vida, chiste,
O mais chique, o mais perfeito,
Por não ter um só defeito,
Todos vós na praça o tendes:
E' obra Ferreira Mendes,
No «Campo do Cirne» é feito!»

Amaral.

Meu amor já não persiste
Em desmentir meu parecer,
Agora vou-te dizer
O cotim que mais resiste.
Eu não sei se tu já viste,
O Sebastião a preceito,
Que é muito bom sujeito,
E veste um elegante fato;
De cotim chique e barato!
No «Campo do Cirne» é feito.

Octávia Maria.

P'ra que a fama se conquiste,
E' preciso um bom reclamo,
E, eu bem alto aqui proclamo,
O cotim que mais resiste.
No nosso país existe
Uma fábrica a preceito,
Que o faz, muito perfeito,
Sem confronto, sem rival,
E como é nacional...
No «Campo do Cirne» é feito.

Jota a Jota.

Do Sebastião? Tu riste!...
Mas podes erer, no mercado
Foi só por ele lançado
O cotim que mais resiste.
Em nenhum país existe
Um fabrico tão perfeito,
Bons padrões, tudo a preceito,
Como boa casimira,
Pudera, ninguém se admira...
No «Campo do Cirne» é feito!»

J.

Se acaso nunca vestiste
Um fato de cotim bom,
Compra o do Sebastião,
O cotim que mais resiste
E se nunca lhe pediste
Talvez por falta de geito,
Mete-lhe uma bola no peito
Mas não lhe fures as pedes
E verás que o que lhe pedes,
No «Campo do Cirne» é feito.

Joãozinho.

— Não teime. Para que insiste
Se não tem voltas a dar-lhe?
Afirmo e posso provar-lhe:
O cotim que mais resiste.
Aquele em que só persiste
Qualidade sem defeito;
O cotim mais conhecido
Por todos o preferido,
No «Campo do Cirne» é feito.

Oavetse.

Em troca do que pediste,
Quero que tu encomendes
Ao Sr. Ferreira Mendes,
O cotim que mais resiste.
D'uma fábrica que existe
Pertencente a esse sujeito,
Porque é um cotim perfeito,
Cotim fixe, garantido;
Mas vê bem se esse tecido
No «Campo do Cirne» é feito.

O.

Cotim igual não existe,
Belos padrões, bom tecido,
Tinto fino, garantido,
O cotim que mais resiste;
Cotim como nunca viste
De dura e bonito efeito,
De fabrico mui perfeito,
Como o ferro, resistente;
Este tecido excelente
No «Campo do Cirne» é feito.

Olegna.

Pode erer que ainda existe
E se vende mui barato.
— Para se fazer um fato —
O cotim que mais resiste;
E toda a razão assiste
Para que se renda preito
Aquele belo sujeito
Que é seu fabricador,
O melhor cotim, sem favor,
No «Campo do Cirne» é feito.

Só Laro (Marreta)

O bom poeta persiste,
Até em mole de panos.
Não sei se bem serve os manos
O cotim que mais resiste?...
A mim razão me assiste,
Dizer mal, bem, não me ajelto.
Sei lá se é larzo ou estreito
Cotim que conheci jamais?
Mas diz-se que muito mais
No «Campo do Cirne» é feito.

Horácio Ferreira.

Deixando de parte o chiste,
— Diz o coixeiro ao freguês —
Afirmo-te ainda outra vez:
O cotim que mais resiste
E' aquele que já viste...
— Sim, há mais cotim de geito,
Mas lá, forte, tão perfeito,
Não há outro, meu amigo...
Basta dizer que este artigo
No «Campo do Cirne» é feito.

Pierrot.

Já bom e barato existe
Assim diz MARIA RITA
Por vestir toda catita
O cotim que mais resiste.
O noivo diz-lhe e persiste
Que anda muito contrateito
Por causa de certo sujeito
Estar a olhá-la admirado
Porque este cotim afamado
No «Campo do Cirne» é feito.

Coração de Pedra.

Só tu, Mendes, desocobriste
O processo essaz fecundo,
De fabricar neste mundo,
O cotim que mais resiste.
E o Lapa, que não é triste,
Diz ao freguês: Que perfeito!
Que padrões de lindo efeito!...
Mas nada d'isto é mentira,
Porque o cotim casimira
No «Campo do Cirne» é feito.

A. Sampaio.

O bom fabrico consiste
Em ser bom e baratinho
E' do Sebastiãozinho
O cotim que mais resiste.
Como toda a gente insiste
Em comprar coisa de geito
E quere tecido perfeito
Nada mais tem que fazer
Do que ir lá escolher.
No «Campo do Cirne» é feito.*

Pavdal.

Até que enfim conseguiste
A fazenda do compraste
Afinal sempre encontraste
O cotim que mais resiste
E o direito lhe assiste
De ser melhor, com efeito
Serve p'ra qualquer sujeito
P'ra toda qualquer idade
E dura uma eternidade,
No «Campo do Cirne» é feito.

Augustos.

O' Musa que me fugiste
Em mais dum lance poético,
Atrai com geito magnético
O cotim que mais resiste!
Dita-me lérias com chiste,
Chalças que tenham geito
E me tragam bom proveito,
E nos leitores um sorriso!
Que da vida o Párriso
No «Campo do Cirne» é feito!

Tito.

Minha mente não desiste
De pensar que, de verdade,
Para bem da mocidade,
O cotim que mais resiste,
E o de Cirne, Não existe
Pano seja tão perfeito,
Tão consistente e «feito»
Para casacos ou calças.
— Não tem aparências falsas —
No «Campo do Cirne» é feito.

(S. Mamede).

Onaicit.

E' no Pórtio, onde existe,
Fábricas de muito artigo
Francamente também digo
O cotim que mais resiste
Paciente o mestre que as iste
Ou tecido ser bem feito
Mestre Tristão, é perfeito
Em afinar o tear
Melhor cotim p'ra durar
No «Campo do Cirne» é feito.

Livela.

**Só veste bem quem se cobre
De cotins «Campo do Cirne».**

Bom cotim tudo encobre
Com maior ou menor renda
Assim com esta fazenda
Só veste bem quem se cobre
O rico, burgues ou pobre
De Bordeaux até Smyrne
E para quem bem discirne
Vai dizendo, sempre ufano
Eu visto-me todo o ano
De cotins «Campo do Cirne».

Ursus.

Seja rico ou seja pobre,
Tenha muito ou tenha pouco,
Seja sensato ou louco,
Só veste bem quem se cobre,
Deste pano que é tam nobre
Cá no Pórtio e em Semirne,
E talvez, também no Irne:
Mas é lindo e resistente,
E é da fábrica potente,
De cotins «Campo do Cirne».

Delim de Freitas

Sebastião, homem nobre,
E s um grande industrial.
Do teu cotim ideal
Só veste bem quem se cobre.
Nos teus kakis se descobre
A marca que acaba em «irne»,
A qual o Engenheiro Birne,
Para prestar-lhe homenagem,
Faz toda a sua bagagem
De cotins «Campo do Cirne».

Rotsen

O que quer fingir de nobre,
Vestindo casaca e côco,
Pratica grosso descoco.
— *Só veste bem quem se cobre*
Com cotim que veste o pobre,
Que dura muito, que é firme,
De pano assim vou cobrir-me,
Se abichar umas remessas
De duas, três ou mais peças
De cotins «Campo do Cirne».

(Santo Tirso).

Adriano X. Neli.

Um dia, num gesto nobre,
Jesus Cristo, o Nazareno
Aos discipulos, diz, sereno:
— *Só veste bem quem se cobre,*
Seja rico ou seja pobre,
Com cotins «Campo do Cirne».
Pois são os cotins do «Cirne»,
Os melhores e mais baratos.
Eu mesmo só uso fatos,
De cotins «Campo do Cirne»!

E. Malmeida

Ando bem apetrechado
Sou pebeu, não sou nobre,
Gosto de ser assado,
Só veste bem quem se cobre.
Nos tempos em que eu fui pobre
Delirava a multidão
C'os trabalhos de amação
Da funambula Ludirne;
Hoje a gente só delira
De cotins «Campo do Cirne».

Zaideca.

Do homem rico ao homem pobre,
Destes que os criou o Eterno,
Contra a aspereza do inverno
Só ceste bem quem se cobre.
Mas um pano ainda mais nobre
Que o formoso e velho alitrne, (1)
Que deu fama à Índia e Pirne,
E que põe a gente airosa,
Só da fábrica famosa
De cotins «Campo do Cirne».

Barradas.

Sebastião franco e Nobre
Apresenta um — intervalo —
Que é coisinha d'estalo,
Só ceste bem quem se cobre
Mesmo o rico até o pobre
Com gosto e vontade firme,
O pior é ver fugir-me
O arame da gaveta
Pra comprar uma fardeta
De cotins «Campo do Cirne».

C.

Precisava de ter cobre,
Para a farpela comprar
E ao Domingo passear,
Só ceste bem quem se cobre
E eu que fui sempre pobre
Choro agora ao vestir-me,
Por não ter para cobrir-me
Uma farpela de chita,
«Dás-me uma MARIA RITA
De cotins «Campo do Cirne».»

Choradinho

Tanto o rico como o pobre
Que se veste de ruim pano
Veste Juas vezes no ano,
Só ceste bem quem se cobre
Seja plebeu ou nobre
E pela roupa se define
Casaca ou gabardine
Com um fato bem brunido
Pode andar mui bem vestido
De cotins «Campo do Cirne».

Oitava Maria

Collado de quem é pobre!
Nos duros tempos que passam,
Metem dó, por mais que façam!
Só ceste bem quem se cobre
De fazenda rica e nobre,
Do famoso barraguirne (2)
Ou do bom damasco stirne, (3)
Qualquer dêles, ainda assim,
Muito abaixo, quanto a mim,
De cotins «Campo do Cirne».

Tito.

Ouçã me o rico e o pobre:
— «Quem veste de ruim pano,
Duas vezes veste ao ano.»
Só ceste bem quem se cobre
Com pano de marca nobre!
No Japão há o «Pchi-pirne»
Na Mongólia as «peles de Kirna»
Mas não podem competir
Co' portuguez que veste
De cotins «Campo do Cirne».

A. Amaral.

Nem so com a lâ se encobre
A nudez de toda a gente,
Porque, para andar decente,
Só ceste bem quem se cobre.
Tanto no rico ou no pobre
Esta maneira concorre,
Assim o engenheiro Birne,
Quando vai para a officina
Leva um fato, coisa fina,
De cotins «Campo do Cirne».

J.

Pode ser rico ou ser pobre,
Ter «mesura», ou ser um lêso,
Que eu sustento aqui, com peso,
Só ceste bem quem se cobre.
Não só a nudez se encobre...
Este ponto, quem discirne?...
Traja-se bem em *Smirne*
Mas ninguém há que suplante
Um fato bom e elegante,
De cotins «Campo do Cirne».

Joãozinho.

(1) Alitrne, antiga vestimenta da Asia. Também se diz — *alitrna* — da mesma forma que se diz — rio Marne ou Marna e cidade de Berne ou Berna.

Pirne, região da Alta Asia, onde antigamente se fabricavam magníficos panos, inclusive o pano *alitrne*.

(2) Barraguirne vem de *barragan*, o famoso pano de camelão, como toda a gente sabe. Nada de confusões com *barragã*, substantivo que não é para aqui chamado. Barragan vem na *Pelungnagação* do meu patricio Fernam Mendes Pinto, e já se usava no tempo do nosso comum e famoso avô Abade João.

Aquilo é que era gente, naqueles tempos! Agora ca... vem no Castelo e mandam *cazianços* para o Comércio do Pôrto! Raios os partam!

(3) Não era preciso, mas é bom esclarecer: o damasco stirne é o que vem da Sifria, provincia da Mesopotâmia de Baixo. Lá está, no mapa!

Tôda a gente, rica e pobre,
Tem por verdade sabida
Que, para andar bem vestida,
Só ceste bem quem se cobre
De bons panos onde sobre
Trama forte e tinto firme,
Como tal, e bom se afirme
Coisa que não se desmente:
— Deve só «estir-se a gente
De cotins «Campo do Cirne».

Oavetes.

Grande verdade descobre
A esbelta MARIA RITA
Com este mote catita:
Só ceste bem quem se cobre,
Só mui bem a pele encobre,
Quem tiver «na gabardine»
E um fato de uma côr firme,
Um fato de lindo efeito,
Um fato feito a preceito
De cotins «Campo do Cirne».

Olegua.

E' próprio de gente pobre
Vestir fato de cotim
Mas eu cá digo assim
Só ceste bem quem se cobre
E a pensar de eu ser nobre
Nada sei que rime em cirne
Nem mesmo até gabardine
Mas digo no Sebastião
Faça calções ao Campeão
De cotins «Campo do Cirne».

Coração de Pedra.

Qualquer homem, sendo pobre,
Não tendo roupa anda nu...
Que, de cotim, como tu,
Só ceste bem quem se cobre.
Que pena não haver nobre,
Com o titulo de «Empirne»
Pra arranjar a rima em *irme*...
Mes... mais pena ainda tenho
Não cobrir-me, com engenho,
De cotins «Campo do Cirne».

Pierrot.

Num país de gente pobre,
Como o nosso Portugal,
Poucos sabem que afinal,
Só ceste bem quem se cobre,
De cotim que é pano nobre,
Mesmo há pouco quem decirne,
E tenha a ideia firme,
Que veste bem e barato:
Quem mandar fazer o fato,
De cotins «Campo do Cirne».

(Gonçalo).

Zé Barão.

Remediado, rico ou pobre
Com pouco dinheiro ou governados
Parece mal andar esfarrapados
Só ceste bem quem se cobre.
E um gesto digno e nobre
Seu proprietário assino o define,
Que o publico não se amofine,
Que prefira tecidos e alpaca,
De confiança e só a marca
De cotins «Campo do Cirne».

Reirobi.

O meu talento descobre,
Neste mote excomungado,
Que (já foi bem apurado)
Só ceste bem quem se cobre
De tecido do mais nobre:
Do fidalgo auridamirne, (1)
Ou de simples belbutirne,
Ou então, pra mais regalo,
Com indumentia de estalo
De cotins «Campo do Cirne».

Tripeiro.

(1) *Auridamirne*, meus senhores, é a forma mais genuina dos vocabulos *auridamito* e *ausidamito*, dois nomes dum só brocado de seda que se usava nos horribéis tempos em que só havia, dum lado, vestidos de seda e do outro farrapada imunda. Como isso vai longe! Agora a igualdade não é uma palavra vã, pois até as criadas se affigem se não tenham um por ou diversos pares de meias de seda. De resto, quanto à filologia, veja-se que há *eremência* e *clenência*, *registro* e *registro*, *crasto* e *caastro*, *créligo* e *clérigo*; e... o que é mais concludente: *cirne* vem de *cirne*! Logo, *auridamirne* é evidentemente a exacta... rima desenracadora de vosso

Tripeiro.

P. S. — Quanto a belbutirne — ora adeus! — tô-la a gente sabe o que é: Simples corruptela de belbutina, rica fazenda dos tempos do Lobo da Rebeloira, e da Maria da Fonte.

Há quem dobre e quem desdobre,
Conforme officio que tenha;
Mas diz a gente nortenha:
Só ceste bem quem se cobre
Gastando dinheiro que sobre
Em veludo e bombazine
Ou em felpudo estrakirne.
Já fiz disso uns balesgos,
Mas no v'ro uso calções
De cotins «Campo do Cirne».

Asinus.

P. S. — Vocês sabem de filologia?
E de micróbios?
Aposto que não sabem nada de micróbios!

Pois na linguagem há um micróbio chamado *semântica* que faz as palavras cada uma, que é de passar. Por isso aqui se encontra bombazine transformada em *bombazine*, e *astrakirne* em *astrakirne*. Na rita do Loureiro, com a farrã dos modernismos, é que se arranjam desta!...

Vão lá travar a roda do progresso!

Quero entrar na causa nobre,
Quero ser... *sebastianista*!
Ero a divisa cirnista:
Só ceste bem quem se cobre
(Seja rico ou seja pobre)
Com rival do ciclatirne, (1)
Das teias do gram compirne (2)
Dos Sebastião e primor!
Glória ao sublime inventor
De cotins «Campo do Cirne»!

Zé da Sé.

Que a minha raiva redobre
Ante este mote truídor!
Brado então como um stantor:
Só ceste bem quem se cobre
De fazenda da mais nobre,
Não da feita com byssirne! (3)
Cautela! Não me arremirne (4)
Quem não concorde! Pois só
Vale mais um guarda-pó
De cotins «Campo do Cirne»!

Narigudo.

Quem investiga descobre!
Quem se coça... toca hirpa!
Quem troteira usa farpa!
Só ceste bem quem se cobre
— Rico, remediado ou pobre —
De fino *crêpe de Smyrne*,
De casimira *Lamyrne*, (5)
Ou então, por ser janota,
Veste linda fioteta
De cotins «Campo do Cirne».

Músico.

Não há fazenda que sobre
Na fábrica do Sebastião,
Diz o povo e com razão:
Só ceste bem quem se cobre,
Seja rico ou seja pobre,
Com fazenda assim tão firme.
D'ora-avante vou vestir-me
Para não mais me enganar
E para bem pôsto andar,
De cotins «Campo do Cirne».

A. Sampaio.

(1) Pano de seda, forte mas fino e precioso. Vem nos *Sermões* do nosso grande confrade Padre António Vieira, que Deus haja.

(2) Ultima forma do adjectivo enconômico «compinxa». Autorizada pelo accordo ortográfico luso-brasileiro.

(3) *Byssirne* vem de *byssos*, matéria textil de origem vegetal.

(4) Forma do verbo *arremirnar* ou *arreminar*. Quem saber ao certo? Procurem! Xiça! Eu não tenho vagar para ensinar ignorantes! A minha cartilha é a do Padre Zé Agostinho e do Silva Pinto, que está a ser revista, corrigida e aumentada pelo meu compadre capador de gatos, Sr. Homem Cristo, e deve ficar completa e acessível a todas as capa... cidades.

(5) Casimiras *Lamyrne* são as que vende o Xico Lamy, de Lisboa. Aquilo é que é um compinxa! E aquilo é que são casimiras!



FABRICA DO CAMPO DO CIRNE

DE

Carlos Joaquim Tavares, Suc.^{res}

RUA JOAQUIM ANTONIO DE AGUIAR, 146—PORTO
::: Telegramas: **COTINS**—Telefone n.º 876 :::

FABRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO E
MIXTOS COM SEDA E TINTURARIA A VAPOR

FABRICO ESPECIALIZADO DE **COTINS**

Cotins **Casimira, Estambre, Gabar-**
dine, Ganga, Diplomata, Cyrne com
seda, **Desportista** com seda, **Militar**
claro e escuro, **Agrim** azul, **Porto, Ris-**
cados, Sarjas, Kaki colonial, **Alpacas**
com seda, **Voais** com seda lisos e
: : : : : lavrados, etc., etc. : : : : :

GABARDINE ESPECIAL IMPERMEABILIZADA PROPRIA PARA TRINCHEIRAS

O MELHOR FABRICO

PADRONAGENS ESCOLHIDAS
